



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

*Versão para registro histórico*

*Não passível de alteração*

CPI - FUNAI E INCRA			
EVENTO: Reunião Reservada	REUNIÃO Nº: 0490R/16	DATA: 24/05/2016	
LOCAL: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul	INÍCIO: 09h33min	TÉRMINO: 11h50min	PÁGINAS: 69

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

HEITOR PETERSEN DA SILVA - Morador da área rural e integrante da Associação em Defesa das Terras de Maquiné e Osório, Estado do Rio Grande do Sul.  
MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE - Moradora da área rural e integrante da Associação em Defesa das Terras de Maquiné e Osório, Estado do Rio Grande do Sul.  
MARINA MANOEL DOS SANTOS - Moradora da área rural e integrante da Associação em Defesa das Terras de Maquiné e Osório, Estado do Rio Grande do Sul.  
EDSON RICARDO DE SOUZA - Agricultor e Secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Osório.  
LAURO ERVINO GAYER - Agricultor, morador da área rural e integrante da Associação em Defesa das Terras de Maquiné e Osório, Estado do Rio Grande do Sul.  
LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados.  
FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados.

SUMÁRIO

Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES

Há palavras ou expressões ininteligíveis.  
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis e ininteligíveis.





**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Declaro abertos os trabalhos desta audiência externa da Comissão Parlamentar de Inquérito - FUNAI e INCRA, em 24 de maio de 2016, às 9h30min.

Compareceram espontaneamente alguns senhores e senhoras representantes da Comunidade de Morro Alto, e a equipe técnica, composta por mim Lucas Azevedo de Carvalho, e pelo Dr. Fernando Rocha, consultores legislativos. Iremos aqui fazer a oitiva dos senhores e escutar o que têm para nos relatar.

Como eu lhes disse, podem ficar bem à vontade. Estamos aqui para ouvir. Quem quiser iniciar, poderá fazê-lo.

Lembro aos senhores que deverão declinar o nome antes de iniciar a fala.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Meu nome é Heitor Petersen da Silva. Entre vários assuntos, peguei um justamente por que esse é um assunto que está bem documentado. Trata-se de uma ação que, não sei se de má-fé ou não, do ex-Governador do Estado e do Movimento Quilombola... Nós temos uma escola em Morro Alto já faz... Quantos anos tem essa escola? *(Pausa.)* O nome da escola é Escola de Ensino Fundamental Santa Terezinha, localizada em Morro Alto, tendo esse registro desde 1964, por ter sido alterada... Esta foi uma carta que mandamos para o Governador, entregue na mão dele. Vou ler esta carta: *"(...) A Associação Comunitária dos Proprietários em Defesa da Terra de Maquiné/RS vem requerer a volta do nome da 'Escola de Ensino Fundamental Sta. Terezinha', localizada em Morro Alto/Maquiné, tendo este registro desde 1964, por ter sido alterada a denominação através do Decreto nº 51.121 de 13/01/2014, para 'Escola Estadual Quilombola de Ensino Médio Sta. Terezinha'. Os motivos para este requerimento são os seguintes: Historicamente, nunca houve quilombo neste Município ou definição de área quilombola; Esta modificação altera substancialmente a história da Comunidade de Morro Alto; A alteração ocorreu sem a comunicação à comunidade através de Audiência Pública ou de outra forma qualquer; A definição de Escola Quilombola sugere a ideia de instituição de ensino dirigida a uma comunidade específica. Atenciosamente"* — assinou o presidente da associação. Esta foi carta ao Secretário Estadual de Educação, Sr. Vieira da Cunha, com cópia para o 11º Conselho Regional de Educação, Sr. Gil José Davóglia. E foi entregue em mão para o Governador Sartori. Aqui tem um documento em que é feito... Quando foi





solicitado pelo decreto do ex-Governador, mudando o nome da escola, e, segundo informações que me deu, foi porque a escola precisava aumentar o grau de instrução. E como não tinha verba, se fosse para um local quilombola, teria verba do Governo. Então, eu disse: *“Pô, mas, então, o Governador está se antecipando, porque não existe ainda uma definição do nosso caso, estamos em litígio. Então, como é que ele já está pedindo dinheiro porque a escola está numa área quilombola? Ela não está numa área quilombola ainda.”* Então, a coordenadoria do Estado para a escola foi verificar a situação como estava a escola. Então, está aqui uma carta do 11º Conselho Regional de Osório, que diz assim: *“Boa tarde, Jefferson, A Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Terezinha, localizada no Quilombo Morro Alto, em Maquiné — quer dizer, já estavam dizendo que já era um quilombo —, através do Parecer nº 1.022/2013, foi transformada, e o Decreto nº 51.121/2014 transformou e designou como ‘Escola Estadual Quilombola de Ensino Médio Santa Terezinha’. Comparecemos no dia 19 de março de 2015 na referida escola e constatamos a seguinte realidade: a sala de direção está compartilhada com a orientação educacional; secretaria, sala exclusiva; refeitório, conjugado com a cozinha, a central de gás está caindo; sala de professores com banheiro; laboratório de informática; o banheiro masculino conta com três vasos sanitários e duas pias, não tem mictório; o banheiro feminino, com dois vasos sanitários e uma pia; na biblioteca o espaço para consulta acomoda em torno de cinco alunos; não dispõe de sala de supervisão, área coberta para educação física, laboratório de ciências, banheiro adaptado para portadores de necessidades especiais e acessibilidade a partir do portão. Esse processo, nº 278611900/14.8, para reformas emergenciais. Segundo a diretora, poderá haver algumas adaptações para viabilizar o credenciamento. Baseados no relatório acima, gostaríamos de receber informações por e-mail sobre como e quando iniciar a instrução do credenciamento e a autorização do ensino médio nessa escola. Setor de Processos, 11º Conselho Regional de Educação, Osório do Rio Grande do Sul.”* Fizemos também uma visita ao Conselho, e, possivelmente, o dirigente ali do Conselho nos garantiu que ele não ia fazer essa mudança porque não tinha ainda a estrutura para isso, mas que o decreto estava valendo. E aí ele disse que compreendia a nossa situação, mas ele





não poderia esperar até a resolução do processo, desde uma vez que viesse a ordem para que pudesse construir a escola.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Sr. Heitor, hoje a escola está funcionando? Na época em que mudou ela funcionava?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Essa escola... Meu nome é Selmira. Essa escola já é muitíssimo antiga. Atualmente eu estou com 62, quase prontos já, e já estudei nessa escola, com esse nome, só que era um outro local, era ao lado da igreja de Morro Alto. E ela era uma escola de um tamanho pequeno, um prédio de madeira e que não tinha espaço físico para isso. Foi doada, então, uma área bem melhor pelos, se não me engano, pelos Goldanis, pela família Goldani. Por isso, então, foi transferido o local. A escola, na minha época, já era esse nome. E aí a gente teve conhecimento de pessoas que fazem parte do CPM da escola. Hoje, estaria aqui conosco a pessoa — esteve ontem —, mas hoje não tinha disponibilidade de tempo. Ela nos afirmou que, como ela fazia parte do CPM no ano passado, havia até uma proposta de troca para uma homenagem à mãe do Sr. Wilsinho, mas que não foi aceita. Aí ficou só a troca como Escola Santa Terezinha para Escola de Ensino Médio Quilombola. E está saindo. Nos boletins das crianças já sai esse nome, muito embora na frente não esteja exposto esse nome.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - O Sr. Heitor fez referência ao Governador que fez a alteração por decreto no nome da escola.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Quem era o Governador?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Tarso Genro.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Está explicado. *(Riso.)* Deixem-me fazer mais umas perguntinhas. A escola é estadual, então?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É escola estadual.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Os senhores estão ficando muito na questão da escola.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Isso é um elemento dentro de um contexto muito maior da questão do Morro Alto.





**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Então, eu não sei se Lucas concorda comigo, seria, talvez, melhor que os senhores trouxessem o problema do Morro Alto numa abrangência mais geral do que localizada apenas na escola.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - A escola é um detalhe que mostra a ação que existe tentando solidificar essa presença como quilombola numa área que, evidentemente, não é quilombola.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim, exatamente.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Marcar pontos, né? Nós entendemos, entendemos dessa forma. Não somos contrários, em hipótese alguma, aos benefícios que a escola venha a ter. O que nós achamos, é que havia demarcações de pontos: "*Vamos colocar o nome quilombola*". Até porque está em processo ainda, não está determinado que é.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Eu não me lembro de a senhora ter falado o nome da senhora.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Maria Selmira Grizza Mehlecke.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - É porque facilita a Taquigrafia.

A senhora fez referência ao Sr. Wilsinho. Para nós, que não o conhecemos, quem é o Sr. Wilsinho? (*Riso.*)

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - O Sr. Wilsinho é o... Como é que eu vou esclarecer... Me ajuda a...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sim. Eu sou Edson. O Wilson é Wilson Marques da Rosa. Ele até então respondia como Presidente da Associação Rosa Osório Marques, que é a associação quilombola. Essa é pessoa a que a D. Selmira faz referência.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - E é o representante na comunidade, líder. Na verdade, ele que iniciou esse processo todo desde o início. Ele é morador da Prainha. (*Pausa.*) O meu nome? Marina Manoel dos Santos.





**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Eu gostaria de fazer algumas perguntas em relação ao Sr. Wilson.

Voltando à questão da escola, antes de mudarmos o assunto, eu gostaria de saber o seguinte: essa escola, hoje, ela atende tanto filhos de pessoas que se consideram remanescentes de quilombos quanto filhos de outras?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim, sim.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Toda a comunidade.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Até porque a comunidade, com exceção de meia dúzia que iniciou esse processo, sempre teve uma harmonia muito grande. São casados, é filho de um preto com branco, uma miscigenação como acontece no Brasil inteiro. Então, ali está todo mundo em paz ainda, com algumas restrições porque está vivendo essa tensão, não é?

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E os senhores têm conhecimento se nessa escola eles passaram a, dentro da sala de aula, fazer afirmação, estudar a cultura quilombola, falando que ali era um quilombo...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Ah, sem dúvida, sem dúvida.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - ...na questão de doutrinar as crianças? Vocês têm esse conhecimento?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - O objetivo da escola é isso. Essa é a nossa preocupação. Inclusive vejo pais dizerem: *“Bom, com esse nome, o meu filho não vai estudar aqui, nem que eu tenha que levar para outro lugar”*. Porque ali é um ensino específico, seriam preparados professores, instrutores com as características de quilombos, da ideia de quilombo.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Houve mudança de professores, de um momento para outro, quando houve a mudança da escola para quilombola, fossem professores escolhidos para fazer esse tipo de doutrinação e a própria direção da escola?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Consta, segundo a... Não sei se houve já essa troca. Mas lá dentro do conselho regional tinha uma coordenadora, que foi substituída por essa nova. Inclusive as características delas são tudo igual. Olha pra uma e pode dizer: *“é petista”*, o cara é petista, porque já vem com esta conversa toda: *“Mas lá já é um quilombo. Qualquer um diz que lá é um quilombo.”*





*Nós estamos num mar de litígio. Mas isso é causa perdida. Isso daí já está determinado, é um decreto e ninguém vai mudar isso.”* Então, a gente ficava assim meio que: *“Espera aí um pouquinho. Espera aí porque nós vamos conversar. Vamos atrás do Governador do Estado para ver, porque já mudou, agora já não é mais o Tarso e tal.”* Então, essa ficou a situação. Agora, se já mudou alguma professora ali, eu não tenho conhecimento.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Nós não temos filhos pequenos.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não temos mais filhos ali. A ligação não é mais tanta.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Correto. Há algum fato mais...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Mas a ideia que ela tinha era esta: vão vir professores especializados para atuar na escola. Isso foi o que disse a coordenadora.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Esses documentos, o senhor pode deixar cópia com a gente?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Esse eu posso deixar.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Pode deixar?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Posso sim.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Perfeitamente.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Nós, na época, até fizemos um levantamento, um abaixo-assinado, para ver quem era favorável e quem era contra. Temos, em mão, esse abaixo-assinado.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Certo.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Quem levantou essa lebre inclusive é uma afrodescendente que tem a filha ali na escola e foi contra esse processo. É neta de um dos iniciadores desse processo dos quilombolas. Mas, revoltada com a situação, ela nos comunicou, ela pegou foi sair atrás das pessoas, dos moradores fazendo um abaixo-assinado e conseguiu ali não sei quantas assinaturas.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Trezentos e onze.





**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Quase todas. Mais de 180 assinaturas, assim, em volta só da escola.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Perfeitamente. Em relação ao Sr. Wilson, eu gostaria que o senhor contasse se ele é nascido na comunidade e como começou essa história toda, para a gente voltar ao início.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - O Sr. Wilson, a D. Marina é que tem bastante condições... Porque eu vim conhecer o Sr. Wilson no momento em que houve o processo em si, porque eu não o conhecia, mas a D. Marina era vizinha. Ela sabe bem melhor detalhar.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É conheço. O Wilson nunca morou em Morro Alto. Ele é morador da Prainha. Nasceu e se criou na Prainha. Não sei o porquê ele pegou Morro Alto para fazer esse tipo de coisa, né? Mas ele nunca foi morador dali, nunca estudou ali, nada. Dizem que ele ia fazer esse processo, andar ali no Morro Alto e depois passar a fazer na Prainha também. Mas nunca morou ali nem estudou. Nada, nada. É conhecido como a gente se conhece na localidade, a vizinhança. Mas nunca foi morador. Disso eu tenho a plena certeza.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - A D. Marina, quando se iniciou o processo, ela fazia parte do outro contra... favorável...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Favorável a eles, né? Porque a gente não sabia até que dimensão iria esse processo. Eu hoje sou viúva, mas, na época em que o meu marido era vivo, ele entrou também nessa comissão. Aí logo em seguida, em 2002, ele faleceu. Está fazendo 14 anos. E eu comecei a ir e perceber que isso aí era uma fraude, que eles queriam tirar a terra. Eles explicavam para a gente que a gente entrasse na associação. Aí a gente era sócia, preenchia aquela ficha e a partir daquele momento, se se criasse, se essa área fosse titulada como quilombola, nós não éramos mais donos. A gente não podia construir, a gente não podia vender. Qualquer um dos sócios que precisasse podia vir fazer uma casa em cima do que era nosso. Aí eu caí fora. Não aceitei porque uma coisa que é minha eu vou dar para os outros e vou perder, né? Então, eu mudei pro outro lado, que aí fundou a Associação das Terras de Maquiné e comecei a falar com as pessoas, a vizinhança. Por sinal, eu fiz uma pesquisa, porque eles têm uma pesquisa de quatrocentos e poucos moradores quilombolas.







**O SR. HEITOR PETERSON DA SILVA** - Não, afrodescendentes foram encontrados cento e...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não, não. Eles tinham.

**O SR. HEITOR PETERSON DA SILVA** - Ah, sim.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Aí eles tinham. Aí eles falaram comigo para fazer uma pesquisa, e eu saí do ponto que eles me indicaram que era para ir, do Morro Alto ao Faxinal, até certo ponto de Aguapés, que daí o Edson lá eles tinham também. Eu achei com identidade e tudo, com CPF, 111, né?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Cento e onze.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Cento e onze famílias negras. Afrodescendentes, porque são negros né, como eu sou também. Mas eu já vou fazer 70 este ano, se Deus quiser. Meus avós faleceram com cento e tantos anos. Nenhum foi escravo. Nunca teve escravo que eu conhecesse no nosso lugar. Agora desencantaram que tinha galpão de escravo, disto e daquilo, de quilombola, para inventar essa história. Eu conheço umas que fizeram esses laudos, tem a Daisy, tinha o Rodrigo, tinha a Mariana, tinha uma turma que visitava as casas da gente, tirando foto, fazendo pergunta e escrevendo e formando um relatório, para depois formar esse laudo fraudulento, mentiroso que eles construíram, né? Então, tirando fotografia das casinhas mais velhas que tinha, para mostrar que aquilo ali era um lugar que necessitava de criar isso aí para ajudar, para fazer fábrica, para fazer escola, para fazer isso, fazer aquilo. Olha, foi... está tudo aí no papel a história deles.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - D. Marina, mas lá no começo, então, a senhora achava que eles estavam lutando por uma outra coisa?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É para a gente resgatar aqueles pedacinhos que a gente perdeu. No meu caso, nós tínhamos maior quantidade de terra. E daí tem outros mais poderosos que fecharam seus campos, que foram pegando pedacinhos a mais que eram da gente. Então, no início meu marido entrou, para a gente resgatar aquilo que a gente perdeu, não para a gente perder o que era nosso. Era para resgatar o que a gente estava perdendo. E nisso ele faleceu, né? Aí fiquei eu. Queriam me botar na diretoria e tal. Não, eu vou assistir. Mas aí, eu comecei a perceber que aquilo ali não era nada daquilo que a gente pensava, como muita gente entrou, nessa, enganada, sem saber. É uma pena ontem não ter dado





assembleia, que viemos de 40 pessoas ontem aí. Todo mundo tinha uma história para contar e alguma coisa, né? Infelizmente, fomos trancados pelos formigueiros e não deu. Mas a verdade é essa. O que eu digo eu afirmo com certeza, né?

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - D. Marina, quem chamou a senhora e o seu marido para entrar? Como se deu esse primeiro contato com a antropóloga que foi fazer o estudo? Vocês já sabiam o que ela ia fazer?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não, ela começou a visitar mandada pelo Wilson, acompanhada por ele, né? Porque ele que era o fundador, ele era o Presidente. Depois ele ficou, de um tempo para cá, muito doente. Ele colocou outra, assim, uma professora no lugar dela, dele. Mas ele está sempre... É o cabeça, né? Ele é o cabeça de tudo. E o pessoal, no nosso lugar, inventou, nesse laudo deles que os negros eram massacrados pelos brancos, que não participavam das mesmas festas, das mesmas festividades. E isso tudo é mentira. Eu sou mãe de quatro filhos, duas mulheres e dois homens, e todos casados com brancos. Nunca houve inimizade. Tem minhas filhas padrinhos brancos. Então, a gente sempre viveu bem com a vizinhança, com a comunidade, mas eles criaram uma história fraudulenta e mentirosa, né? Eu acho que a gente não tem por que continuar numa situação desta. A gente quer mudar isso aí, né? E o nosso lugar nunca foi terra de quilombola. Eles ali, pelo mesmo jeito, são plantadores, que lidam com a verdura deles. Estão ameaçados de perder. Então, a gente está lutando para que isso aí se reverta.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - A senhora lembra, D. Marina, o pessoal que vinha participar dessas reuniões? Porque a senhora me comentou outro dia que vinham pessoas, ônibus.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Sim, ônibus. Eles levavam ônibus daqui de Porto Alegre para lá, com pessoas que diziam que tinham terra, que a avó ou a tia ou lá não sei quem tinha terra antigamente no Morro Alto — eu nem conhecia aquela gente —, para essas nossas terras serem deles depois também. E iam com excursão. Tem prova. Todo mundo lá da vizinhança viu e sabe. Até, hoje é Senador, o Paim fez uma reunião uma época lá. Eu nem fui nessa reunião. Mas teve colega que foi. Eles lutaram muito. Agora está meio caído com a doença do Wilson e o pessoal também começou a ver. Foi prometida casa própria, foi prometida muita





coisa, deram cesta básica. E isso tudo foram perdendo, já não está vindo. Ninguém nunca ganhou uma casa. E aí as pessoas vão se distanciando, né? Foi uma turma de professores da UFRGS. Parava nesse colégio Santa Teresinha para dar aula disto, aula daquilo. Eu nunca participei, mas sabia que eles estavam ali. Ganharam um bom dinheiro, não sei se do Governo ou de quem, para se instalar lá.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Professor de onde? Não entendi.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Da UFRGS é que ia.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Da Universidade Federal do Rio Grande do Sul?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É da universidade federal. Eles foram. Pararam um bom tempo os professores lá nesse colégio e dizem que faziam os trabalhos, ensinaram aula de capoeira e isto e aquilo, um monte de coisas assim. Só que eu e meus filhos, minha família nunca frequentou. Mas eu tenho a plena certeza do que eu estou dizendo, que eles moraram lá.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Os professores moraram na escola?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Ficaram parando lá para fazer esse trabalho. Moraram na escola, outras numas pecinhas ali ao redor, que alugavam para eles. Tem uma casa que esse Wilson construiu — e dizem até que nós chamamos de senzala — que o pessoal se acomoda, faz as reuniões deles lá, as festas. Então, é essa parte aí que eu sei. Depois, não frequentei mais. Então, não estou muito por dentro, a não ser o que eu já sabia.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Quem pagava esses ônibus? Quem pagava a estada desse pessoal lá?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - *(Risos.)* Isso eu não sei lhe afirmar, porque eu nunca vi quem pagou. Mas só podia ser a associação. Eles lá conseguiam. Não sei como, mas que ia, ia. Ia excursão de ônibus cheio, daqui para lá, para assistir às reuniões.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Essa associação vive de que recursos?





**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Olha, eu acho que cada um com seus recursos. Não sei do que ela se mantém, mas alguém deve ganhar alguma coisa em cima disso. Não sei, não posso lhe afirmar, porque eles têm uma mensalidade... Tinham pelo menos na época. Cobravam uma mensalidadezinha de cada pessoa que participasse da reunião, fosse sócio, associou nessa associação.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - O Presidente dela ainda é o Sr. Wilson?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Olhe, ele esteve muito doente. Ele botou uma prima dele, a Profa. Elisabeth. Não sei se ainda é, porque eu não participo, né? Mas...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - A Profa. Elisabeth é moradora da área?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não, não. É lá da Prainha, de onde ele mora. Isso eu tenho certeza, porque a gente regula a idade, é amiga de infância, de mocidade. Mas nunca morou ali também.

**O SR. HEITOR PERTESSEN DA SILVA** - Tem um detalhe interessante, que a Prefeitura fez, colocou água. Ali todo mundo tinha poço artesiano. Aí o Prefeito colocou uma rede de água, com um poço central, mas fornecia água só para quem era quilombola. Agora, eles estão entrando com essa... Saindo da BR-101, RS-407, que liga de Morro Alto a Capão da Canoa, ao litoral, estão entrando com outra canalização para ir até a Faxina, mas só para casa de quem é afrodescendente ou que pertence àquilo ali. Esse dinheiro deve ter vindo desse movimento de quilombo, porque a Prefeitura não tinha esse dinheiro. Falando com o Prefeito, Alcir é o nome do Prefeito, ele disse: *“Não, isso é verba que vem da área dos quilombos”*.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - As merendas ele diz que vêm também.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Então, eles estão botando água, mas a água passa aqui. Eu sou branco, não ganho água. *(Riso.)* O cara é preto, ganha água. Que interessante o processo, né?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Até o colégio que fica dentro dessa área a merenda é especial, que vem para os quilombolas, que é ganho pelos





quilombolas. Isso é coisa, decerto, do Governo, porque uma área que não está intitulada ainda, como que já é quilombola, né?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Dinheiro para a Prefeitura, eu não sei o valor. Algum dinheiro a gente sabe que vai, porque o Prefeito nos falou. Em virtude de nós sermos da associação, volta e meia estamos lá conversando. Agora até nem tanto. E uma vez ele comentou que ele recebeu dinheiro. A Prefeitura recebeu dinheiro. E ele até estava com alguma dificuldade de saber como direcionar essa verba.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E qual o ano mais ou menos que esses professores foram para lá de forma mais massiva? A senhora se lembra?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Olha, uns 3 anos atrás, 2 anos e pouco, né?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - A senhora acabou de dizer que seria antes do seu esposo falecer.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não, não. Essa do... Não, essas que foram da UFRGS foi depois. E antes, as que fizeram laudo...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - A equipe de antropólogos.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - De antropólogos. É. Essas já começaram desde antes. Mas esses da UFRGS foi depois.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Começaram deve ter sido em 2000, 2001, por aí.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Desculpe, mas a Miriam e essas outras que fizeram o laudo, que... Foi tudo antes do meu marido falecer.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Antes de o seu esposo falecer. Em que ano que seu esposo faleceu?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Dois mil e dois. Dali para cá elas continuaram, né? Elas começaram nessa época e depois elas continuaram fazendo o trabalho delas. Aí faziam perguntas nas casas para aqueles mais velhos e, conforme as pessoas respondiam, elas iam colocando, né? E foi montado esse laudo que fizeram.





**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E quando elas se apresentavam para uma pessoa, elas falavam: *“Nós somos antropólogas. Nós viemos aqui...”*

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Sim.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Como era esse contato? A senhora se recorda?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Elas se apresentavam como antropólogas.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E falavam que estavam ali para ver um estudo?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É, para fazer esse estudo, para fazer esse levantamento dessa área e tal. Aí as pessoas inocentes, as pessoas... A maior parte do pessoal ali, os mais velhos, quase tudo é analfabeto. Perguntavam e iam respondendo, né? Respondendo como é que era, como é que não era, mas jamais com o sentido de perder o que tinha, o seu pedacinho, né? Então, eu me revoltei por isso, porque a gente tem, construiu, comprou na época. Quando foi para me casar, meu marido comprou aquela estância de terra, aquele pedaço. Agora chega o seu Fulano, monta um negócio aí, para a gente perder o que a gente tem? A gente tenta construir mais alguma coisa, né?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Nós que não somos afro... Antes, não lembro bem a data exata, mas nós fomos, na nossa residência, visitados pelo INCRA. E até achávamos estranho: o que o INCRA estava fazendo lá? Em particular na nossa residência, a documentação é toda em dia. E o INCRA nos visitou e nós...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Mas antes de sair... A gente não sabia do processo.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - ...e nós ficamos assim: o que ele estava fazendo? Mas estava com o carro do Governo, do Estado. Abrimos o portão, e ele foi lá, fez medições com aquela, com... Qual é o aparelhinho?

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - GPS.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Isso, com GPS.





**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Não se falava o motivo?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não! Estava fazendo um levanta...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - E levantaram muito a associação...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E de boa fé que, por ser do INCRA, nós achávamos ser do Governo: está fazendo um levantamento.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Tem GPS para marcar mais ou menos o tamanho da área.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Marcou tudo. Entrou na nossa residência. Marcaram. Ficamos assim até meio, sabe? Mas abrimos os portões em virtude de ser carro do Estado. Aí passou algum tempo, em 2003 fomos surpreendidos com o processo.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Então, a equipe de antropólogos não chegou a conversar com nenhuma pessoa que não era afrodescendente?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - A minha residência nunca foi ninguém.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sou Edson. Em Osório, não. Nós desconhecemos algum fato de levantamento, de alguma pesquisa, alguma conversa com pessoas que não são de origem afrodescendente, pelo menos com o objetivo claro que a gente tenha ouvido.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Assim como os colegas, eu tenho uma história bem... Já estamos em cinco gerações na nossa propriedade. Moro ali. Os vizinhos têm um bom relacionamento tanto com afro como não afro. Nunca fomos... Os não afros nunca foram visitados.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Hoje na comunidade quem é favorável à demarcação do quilombo?





**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - De branco, nenhum. De pretos, ou afrodescendentes, a pesquisa D. Marina fez, deu de 78% dessas 111 famílias, que têm aproximadamente 200, 300 membros.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Ao todo, entre negros e mestiços... Eu nem gosto de falar afro, porque a gente nunca se tratou por afro. A gente diz negro é negro e branco é branco. E daí, né?

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Essa é a pesquisa feita por Roque Lage também?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não, essa é nossa, da associação.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Nós entregamos para o Roque. Ele que passou. Mas eu notei no depoimento dele que ele ficou confuso se era só da comunidade afro ou se era de todos. Eu notei na resposta dele. Depois inclusive o próprio Deputado Alceu também falou a mesma coisa. Mas eu tenho esses dados, tudo documentado com CGC, com CPF, com toda a pesquisa...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não é a mesma do Roque. Essa é nossa. Aqui estão as assinaturas.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Essa pesquisa foi entregue uma via junto com uma denúncia que nós entregamos em outubro, setembro, outubro, para início da CPI. Ela foi entregue em um volume semelhante a esse, encadernado, com esse conteúdo aí, com o CPF e a assinatura das pessoas entrevistadas.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Aquela ali é a original.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Então, pela pesquisa da senhora, cerca de 22% são favoráveis e 78% são contrários. Dos que são favoráveis, eles também têm propriedade lá?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim. Oito, parece, são sem propriedades. Está ali na pesquisa.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É, está escrito na pesquisa.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Acontece que esse quadro deve ter já aumentado dos não favoráveis. Os favoráveis devem ter diminuído substancialmente, porque passaram a entender mais do processo.







**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - E pelos anos que faz. Promessa de ganhar casa, promessa de ganhar isto, promessa de ganhar emprego, tudo quanto é coisa, as pessoas se induzem. Agora, nada disso aconteceu. Muita gente já está...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Vale a pena relatar também que eles fizeram, passando ali na entrada do bairro, que se chama Faxinal do Morro Alto, ali tem um conhecido, só famílias afros moram ali, umas 4, 5 casas dentro de um terreno, que eles apelidaram de senzala, mas o pessoal muito... Inclusive nós damos assistência lá.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Muito pobres.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Alimentos, às vezes bala, que tem muita criança. A Selmira às vezes cozinha bolo, a gente leva. Esses caras estiveram lá e fizeram uma promessa que eles iam construir uma casa nova para cada um, vão fazer isto, vão fazer aquilo. O que eles fizeram foi um canteiro para fazer uma horta comunitária ali para o pessoal, mas também não fizeram mais nada, foram embora. Primeiro, passavam lá, levavam um rancho, disseram que iam fazer as casas novas para cada um. Não fizeram nada. Depois, morreu o assunto. Então, esse pessoal se revoltou, já não quer mais saber do processo.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Essas promessas eram da equipe de antropólogos durante o levantamento, o chamado levantamento antropológico?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Da Associação. Isso.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Aí eram feitas as promessas.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É porque eles eram os mesmos, estavam na Associação e eram os próprios trabalhadores ali.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Mais específico do Sr. Wilson.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É, da Associação.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Por ser o líder.





**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - As antropólogas faziam o trabalho delas, mas elas não podiam estar prometendo. Quem prometia era o Wilson, a Associação deles lá dentro. E elas vieram...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Essa família, essa senzala, como eles mesmos se denominam...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - É o mesmo local que eles chamam de Vila Girassol, não é?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Deve ser, onde moram...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É a...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Isso. É na entrada para a balsa lá.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Isso. É.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Eles chamam de Vila Girassol. Um fato nos chama a atenção: construíram aquela sede ali, com aquela estrutura, e, pelos valores que reportaram ali, valores que davam para fazer umas dez casas e a melhoria de outras casas. E, de fato, o que chama a atenção é que justamente naquele local é que faziam várias tomadas de filmagem, de demonstração de lá... Porque lá é de extrema miséria, e nunca foi feito nada. Então, gastaram recursos enormes para construir uma sede, para fazer outros eventos, para fazer viagens, e famílias que realmente são necessitadas realmente são auxiliadas por outras pessoas que não fazem parte do grupo, da associação, que dizem que lá são os coitados que merecem ser justificados, que merecem a melhoria de vida, uma qualidade de vida e melhoria. De fato, merecem, com certeza, mas por que não fizeram isso e por que não usaram de outras formas para ajudar essa família?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Nesse processo também eu gostaria de relatar o grau de parcialidade do INCRA para tratar esse assunto. Primeiro, a tentativa de, já o processo rodando, rodando, rodando, até chegar ao nosso conhecimento. Quer dizer, se conheceu através de uma causalidade, porque um morador descobriu que os caras estavam em Brasília movimentando isso. Aí foram... Inclusive acho que o Edson foi junto. Foram a Brasília, lá pegaram o laudo, que já estava pronto, sem o conhecimento de ninguém. Depois, em várias tentativas de conversa com o INCRA, sempre fomos muito mal recebidos. Numa reunião a que, inclusive, fomos representando uma associação de Morro Alto e outra de Aguapés





— o Edson junto, eu, minha esposa, mais o que era o antigo Presidente — tinha lá o que era o Coordenador do INCRA daqui do Estado, mais um outro funcionário, mais um que tinha vindo de Brasília para escutar as nossas narrativas. Então, quando eu falei, eu disse: *“Olha, o laudo de vocês é completamente contrário a todos aqueles mais antigos que eu, que moro aqui nessa região, que não tem nada nessa história”*. E nós da associação contratamos uma equipe de antropólogos que nos deu um laudo que, aparentemente, até um leigo, comparando um e outro, vai ver que esse está mais substancial. E o cara me disse assim: *“Olha, isso não adianta. Esse seu laudo para nós não tem valor nenhum, porque nós também temos antropólogo aqui e recebemos esse relatório e já foi aprovado. Então, o de vocês não tem valor nenhum”*.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - O senhor se recorda o nome dele?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Oi?

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - O senhor se recorda o nome?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Qual era o nome dele?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Era qual? O Diretor Regional aqui?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Roberto Ramos.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Nós fomos convocados para uma região com ele e com o pessoal de Brasília.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - O Coordenador do INCRA da região naquela época era o Roberto Ramos...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Isso.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - ... e o que veio de Brasília era Roberto Kil, que era assessor do que era Presidente antes, o Guedes. E o que estava era o Roberto Kil, por coincidência ou preferência. E o Roberto Kil reside em Osório. Com frequência a gente conversa, não sobre esse assunto, nunca toquei com ele, mas ele reside em Osório. Só não me lembro agora quem que afirmou que não haveria... que não tinha valor. Parece que foi o Ramos, não é?





**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Exatamente. É. Inclusive estavam nessa reunião as duas associações, a FETAG... Não é?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sim, a FETAG estava presente.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - E o cara me deu aquela resposta. Eu digo: *“Então estamos bancando o palhaço, fazendo o que aqui nessa reunião? Vocês querem discutir o que conosco, se já está me dizendo que nem o meu laudo serve? Quer dizer, nós botamos dinheiro para fora, vocês não recebem, vocês são coniventes com essa canalhice que está sendo feita conosco”*.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - O INCRA...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Na época, nós já havíamos...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Até... Fiquei tão revoltado com aquilo que disse algumas besteiras ali. Se fosse eu ouvindo aquilo, eu tinha mandado: *“Bota esse velho pra rua”*, de tanta idiotice que me disseram.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Na época...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Então eu disse: *“Não temos chance nenhuma com eles.”* Eu, falando com o Dr. Nestor, que era o nosso advogado, falei: *“Não adianta. É um trato que nós vamos ter que resolver juridicamente, e você movimentar politicamente, porque processo é assim mesmo, está todo mundo... Todo mundo aconchegado nessa história”*. E realmente era assim, A gente não tinha nenhuma condição de se movimentar. Se não fosse essa mobilização de criar associações, contar com os Parlamentares, a gente estava... Já tinha sucumbido.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Eles viajaram muito.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É, na época em que nós tivemos a reunião com o INCRA, nós já havíamos sido notificados, e eles argumentaram que eles fizeram de tudo para segurar aquela notificação, mas que eles foram obrigados a nos notificar, por...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Qual o teor dessa notificação? A senhora tem cópia dela? Foi para a senhora se defender no processo, ou foi já avisando que era...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Para todas as pessoas foram...





**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Todos os proprietários receberam essa notificação.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Eu não tenho em mãos; eu tenho em casa.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Depois a senhora pode mandar para a gente uma cópia?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Posso. Tu não tem, Edson?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Posso até verificar. Eu sei que eu tenho. Não sei se eu trouxe junto.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - A nossa original a gente deu para o advogado. Passamos todas as notificações para ele para providenciar a defesa, mas deve ter cópia.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Eu acho que eu tenho uma cópia em casa. Todos receberam.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Ela dizia ali o nome do proprietário, que a área estava... Já dando assim, que a área estava... Está sendo intimado, a área está — como foi o termo que usou?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Tu lembra, por acaso, os termos?

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Delimitada?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Tu lembra os termos?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É, mais ou menos. Parece que era assim, era mais... Dava uma impressão assim: bom, já está sacramentado, mas vocês podem se defender. Era mais ou menos por aí.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E os senhores chegaram a receber alguma resposta formal da defesa, do contralado que os senhores apresentaram?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Ainda não.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Pelo que a gente sabe, o processo está em Brasília. Foi uma notificação de que corre um processo de desapropriação para uma região quilombola e que nós teríamos 90 dias para nos defender.





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Contestar.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sobre esse encontro que houve com o INCRA e a forma que eles nos receberam, dizendo que não tinha valor nenhum o nosso contralauado, o INCRA... A gente percebeu que eles estavam instrumentalizados, se é essa a palavra, com a finalidade de que esse processo andasse, independente de qual situação, de qual argumentação do contralauado ou das nossas defesas, independente do que nós fôssemos apresentar, independente do conteúdo concreto de documentação de que não existia quilombo, de que nunca ocorreu isso aí — pelo que se entendeu. E isso fica bem claro na forma de uma das pessoas que participa, que é funcionária do INCRA, ou até então era funcionária do INCRA, a D. Ieda Ramos, que inclusive mencionava um *e-mail* com o INCRA — Ieda INCRA, alguma coisa assim — e um vídeo que foi publicado em 6 de outubro de 2011 pela Catarse, onde ela afirma ser quilombola do Morro Alto, onde ela afirma ser associada, representando a associação. Tanto ela, que é funcionária do INCRA... Se é funcionária do INCRA, é uma situação. Agora, tu chegar como funcionária, dizendo que é associada a uma associação, que o INCRA mesmo é quem vai julgar administrativamente o processo ou não? Ou seja, se eu trabalho, se eu sou de lá, eu vou julgar a meu favor. Não tem imparcialidade aí. Por mais imparcial que a pessoa seja, isso não existe, não existe.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - O senhor tem esse vídeo aí?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Comigo, aqui, não, mas ele está no Youtube, está bem publicado. É só colocar Quilombo do Morro Alto que vai aparecer. Inclusive, em outra situação de pessoas que dizem que são dali, que são nativos dali, que vieram refugiadas da Costa do Marfim há 10, 15 anos atrás em um navio que parou na Bahia. Um dos militantes também é o Alain Adopo — uma coisa assim o nome dele. É um dos militantes que tem. Então, nós vimos duas formas de articulação dentro da associação: uma é local, através do Wilson e de outras pessoas da comunidade ali. Algumas até já deixaram, ou estão deixando. Pelo que a gente viu, o S. Manuel, que era uma pessoa ativa na comunidade, como houve esse atrito, as pessoas acabam se afastando, por não concordarem com o processo. Até porque o que nós avaliamos, o que se levantou, conversando, e vindo pessoas nos





procurarem contando fatos, aquelas que acompanharam o início do processo, contando fatos de como aconteceu e de como se deslocou ao longo do tempo, colocaram que as pessoas foram entrevistadas para que, com a proposta... E isso eu ouvi do próprio Wilson, não lembro se em 98, 2002, por esse período aí, na UFRGS, onde nós participamos junto... Eu, Edson, além de agricultor de Aguapés, faço parte da Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Osório, e nessa época já participamos de um programa, junto com a UFRGS, para desenvolver a coleta da samambaia-preta como atividade econômica sustentável que existia na região. A UFRGS fez esse trabalho e, paralelamente, também fez esse outro trabalho de levantamento da área. O que o próprio Wilson... E a proposta que existia na época era de que se fizesse um levantamento para titular as propriedades daquelas pessoas que não tinham documento, do pessoal lá que tem 10 hectares, 16 hectares, que nem o S. Manoel relatou. Ele recebeu o título da propriedade em nome dele, para que ele pudesse entrar como cidadão nos programas do Governo e pudesse tirar um Bloco de Produtor hoje. Se ele não tiver um título, a matrícula da propriedade, não consegue tirar um Bloco de Produtor no Estado. Então, colocar o pessoal como cidadão, para poder usufruir dos programas e cumprir sua obrigação de cidadão... Pois, bem, até então, todo o mundo...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Acreditou nele...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - É louvável... Vamos fazer isso. Não tem coisa melhor do que, ao invés de gastar 10, 15, 20 mil para titular a tua propriedade, tu receber isso ali, através de um programa.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Foram professores da UFRGS que propagaram essa ideia lá com ele?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Isso foi o que o Wilson me falou na época, que eram as pessoas que colocavam isso na época para — aí entendemos o porquê — ter a adesão das pessoas. Porque a D. Marina, se fosse para ter toda essa celeuma, toda essa circunstância de tirar toda a propriedade, está aí ela relatando que não concordaria. Mas, na época, como teve essa proposta de resgatar a história para titular a propriedade dela, ou resgatar, ou buscar uma história, ou conduzir...





**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - *“Criar uma cooperativa”, eles diziam, não é?*

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - *É, mas a gente chega a isso.*

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - *Criar uma cooperativa...*

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - ... ou conduzir uma história para que se chegasse a isso e se pudesse titular a propriedade. Teve uma adesão grande. Passado um tempo, se disse que, aí, se criariam cooperativas, se criaria fábrica, empresa. Isso, hoje, conversando... Um rapaz certa vez me atacou na beira da 101 para dizer isso: *“Olha, a proposta era criar emprego, criar fábrica, uma escola melhor, posto de saúde decente, enfim, moradia para a gente poder trabalhar e viver bem aqui. Tinha até uma maquete”* — ele afirmou — *“que demonstrava como seria. Depois de um tempo, sumiu tudo”*. Ele nesse gesto... *“Sumiu tudo, acabaram com tudo aquilo, e agora só querem tirar a terra de todo mundo, e eu não concordo”*. Foi aí que ele nos relatou. A partir daí, as pessoas começaram... Quando mudou o objetivo do processo que era para adquirir esses 4.564 hectares... Inclusive, as pessoas não iam ter mais posse, não iam ser mais dominantes daquela posse, daquela propriedade, não teriam mais direito de uso e de venda sobre ela, como outras pessoas relataram: *“Eu vendi uma parte da minha terra para pagar a faculdade do filho”*. Ora, mas se fosse um programa realmente preocupado com resgatar e incentivar as pessoas, não precisaria ele vender parte da propriedade para pagar a faculdade de um filho; teria outros programas que poderiam inserir essas pessoas para um objetivo de educação. Enfim, quando se mudou esse propósito, as pessoas moradoras de lá começaram a se afastar, e aí houve uma outra etapa, que era o recrutamento de pessoas de fora. Aí, levava-se um ônibus com pessoas para lá, para fazer festa, para pagar almoço, para pagar viagem. Enfim, houve todo esse recrutamento. Isso que a gente observou, que a gente acompanhou nessa análise. Aí, chegando ao ponto de hoje, em que... Como vimos ontem a D. Marina: *“Eu não vi ninguém de lá. Não tinha ninguém de lá”*. Tinha... Moradores de lá não vêm. Quem estava aqui era esse advogado, o Onir Araújo, que fica incitando — quando nós chegamos lá, era o que estava de maestro lá, ensaiando os coros de grito de ordem ali —; esse Alain Adopo, que também fica articulando, é administrador, fez faculdade em Osório, na FACOS, de Administração







e Comércio, alguma coisa assim; tinha um outro que parece que é Procurador do Estado, um senhor grisalho, barbudinho, de cabelo ondulado, parece uma ovelha. (Risos.) Enfim, e tinha também outras pessoas ali... Ah! tinha um mais fortinho, meio carequinha, meio... Também estava gritando ali. Essas pessoas não são de lá; são pessoas que ficam organizando e incentivando aqueles poucos que estão participando ou que participam. Mas realmente, o que nós não vimos hoje e há 6 ou 8 anos atrás nós víamos eram as pessoas que eram de lá virem participar, participavam, acreditando que era uma outra proposta.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Na assembleia que a Senadora Ana Amélia fez conosco aqui havia pessoas de lá, inclusive com faixas.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sim, havia pessoas brancas e negras dos dois lados, quer dizer, negros dos dois lados da situação: os que nós estávamos acompanhando e outros que eram a favor deles, não é?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Esses a que me refiro são os que...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Tudo bem, é o direito da democracia de cada um se manifestar.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - ... os da Rosa Marques, no caso.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - O senhor citou, da reunião de ontem, o nome do Onir Araújo como advogado.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Eu conheço ele, e ele se apresenta como advogado da Associação.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Então ele é ligado ao Sr. Wilson?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sim, ele é ligado direto à Associação de... Inclusive, assim, em 16 de novembro de 2011, foi quando houve a audiência que o Senador Paim fez lá no Maracanã, que é na Associação, um salão...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - No clube.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - No clube onde eles fazem os encontros, esse Onir Araújo estava lá presente. Não foi convidado a falar e tudo, mas estava lá presente.





**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - O senhor, depois, fez referência a um Procurador do Estado que estava também na agitação ontem, obstruindo os trabalhos.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Ontem. Não, ele ficava cochichando no ouvido das pessoas, falando alguma coisa. Ele chegava em um e outro, e daqui a um pouco que as pessoas se inflamavam lá ou iam para o palco lá pular.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Então, pela sua descrição, ele estava orientação a agitação.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Foi o que eu entendi, não é?

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Está certo.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Ninguém chega e conversa alguma coisa com o senhor e com o senhor, e daqui a um pouco o senhor vai para tomar algumas atitudes que até então não estava tomando, não é?

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Está certo. O senhor sabe o nome desse Procurador?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Eu só ouvi falar que ele é um procurador. Eu não o conheço. Eu só vi ele ali, e as pessoas que estavam em volta ali comentaram: *“Ah, esse cara aí é um Procurador do Estado, que recebe o nosso dinheiro, do salário do contribuinte, para ficar agitando aí as pessoas aí por trás da situação”*.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Qual era a descrição... Porque eu não conheço, não é? Qual é a descrição das pessoas que estava ali, que o senhor pode fazer dele?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Desse senhor?

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - É.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Eu sei que ele é de óculos, meio barbudinho...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Sim.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - ... assim, baixo, barba baixa e louro, cabelo comprido, onduladinho.





**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Está certo. O senhor falou outro nome que eu não entendi direito. O senhor falou Onir Araújo e falou um outro nome em seguida.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - É um descendente... Ele veio refugiado da Costa do Marfim há alguns anos, de navio.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Ele estava aqui ontem também?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Não, ontem eu não vi ele.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Não, mas o senhor fez referência a uma pessoa que estava aqui ontem. O senhor estava relacionando as pessoas que o senhor identificou que estavam comandando a ação ontem. O senhor falou de Onir Araújo...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sim.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** -... falou desse provável procurador...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sim.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - E falou um terceiro nome.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - É o Alain Adopo.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Alain? Como é que se escreve esse nome?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Ai, eu acho que é assim: A, L, L, A, I, N.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - A, L, L, A, I, N. Allain?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - É. A, D, O, P, P.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - A, D, O...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Ele não estava ontem.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Ah! ele não estava ontem?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Não, ontem não. Mas em outras manifestações, inclusive em uma invasão que houve no INCRA, ele que era o que afirmava ser da Associação, que a nossa terra aqui, nossos descendentes dali, que





não sei o quê. Ele incorporou um habitante nativo dali, de descendentes dali, o que não é verdade, não é?

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Tá.

O senhor fez referência ao refugiado da Costa do Marfim.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Esse cidadão.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Quem levou esses refugiados da Costa do Marfim para lá? Como é que eles chegaram?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Como ele chegou ali eu não sei. Eu sei que... Eu ouvi falar que a história dele era essa: que ele veio há alguns atrás, nove refugiados da Costa do Marfim, no porão de um navio que desceu ... A gente acompanhou pela televisão aí, não é?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - *(Ininteligível.)* Capão da Canoa está cheio dessas pessoas.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Não, mas esses aqui são daqui da... São outras pessoas.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Sei lá de onde são. *(Ininteligível.)*

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Como eles vieram parar em Capão da Canoa e nos Morro Alto, ali, eu desconheço.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - E ele hoje se declara quilombola?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sim. É um dos ativistas ali.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - E ele se casou com uma... Casou, fez um casamento com uma...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Era isso que eu queria comentar.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Ia comentar, não é? Casou com uma filha de um dos membros da...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Mané Chico?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Mané Chico. É. Da comissão lá que é o cabeça lá.





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - A Família Mané Chico é a que atualmente ainda persiste com a ideia.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Persiste, é.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É um dos poucos.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - E esse cara casou com a filha dele. Não sei que tipo de casamento foi, mas sei que teve festa, teve tudo. E ele convive lá. Até concorreu ao Conselho tutelar, agora, na última eleição que teve. Mas não ganhou. Mas está sempre por lá, agitando por lá.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Ele esteve ontem aqui?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não, não.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Não, não vi. Não vi.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Está certo.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Acho que trabalha no... Parece que arrumou um servicinho aí no aeroporto, duas vezes por semana. Assim eu ouvi dizer.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Um período atrás, ele tinha, nos meios de comunicação de...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Ele estudou, se formou em.. parece que...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - ... que era consultor administrativo. Alguma coisa parecida.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É. Ele fez uma faculdade.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Em relação a ontem, os senhores ouviram alguém dizer que o objetivo era fazer com que não ocorresse a assembleia?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Ouvimos.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Ah! gritaram muito.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Isso. A senhora pode relatar isso para a gente, senhora?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É.





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Era em coro. Desde que nós chegamos na entrada, eles já, um grupo — o grupo, que posteriormente ficou dançando lá no palco —, na entrada, eles já argumentaram para a segurança de que: *“Nós não vamos... Se nós não pudermos entrar, os colonos também não entram”*. Aí, nós íamos entrar por uma porta — *“Não, não vai ser mais aqui, vamos entrar pela outra porta”*. Aí nós tínhamos uma senha, porque o...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Foi -nos passado o convite para participar da audiência.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Da assembleia.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Da audiência. E acredito que, dentro da ordem de procurar organizar melhor o espaço, foi providenciado isso, e a gente recebeu esses convites, senhas, para entrar por uma determinada porta, para organização do espaço. Por fim, essas pessoas chegaram ali, começaram a empurrar e gritar, ordem...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Racista, racista, fascista! Gritando o tempo todo.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - E uma série de agressões verbais. E nós aguardando ali — *“Não, vamos aguardar, enquanto... É a segurança que vai resolver isso, é a administração. Nós vamos aguardar aqui enquanto tem desfecho. Depois a gente vê o que acontece”*.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E eles foram categóricos: *“Não vai haver audiência hoje”*.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E os senhores comentaram que o Onir Araújo comandou um coro. E o coro foi nesse sentido de incentivar a não ter a audiência?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - O coro foi.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Foi.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - O senhor lembra, assim, alguma coisa que ele falou, mais precisamente?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Olha, a gente percebia que o movimento... Eu ainda comentei com a minha esposa: *“Não vai dar sessão. Podemos ir embora porque não vai dar”*. A gente via que a intenção deles... Eles





começaram primeiro, unidos, parados ali na frente, começaram a falar: “Ó, quem mexe com a formiguinha vai mexer com o formigueiro!”, uma coisa assim, em ritmo de, em ritmo de...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Com muita provocação, né? E com o dedo assim.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - E a intensidade foi aumentando, foi aumentando: “Ó, seus assassinos, ó, seu isso, ó, seu aquilo!”.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Racista! Racista!

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - E o povo aqui, já: “O que que é isso?”. Tinha gente que nunca tinha ido a uma convenção, e não podia se esperar essa ação. De repente, aquilo foi aumentando e batendo. E aí eles subiram por lá para o palco e começaram a...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Dançar.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Começaram a andar como se fosse índio, batendo os pés no chão. Observa-se que aquilo ali — é o meu ponto de vista, olhando, identificando as pessoas — não era nem movimento quilombola, nem movimento indígena. Se tivesse ali meia dúzia de quilombolas e meia dúzia de índios estava de bom tamanho. O resto tudo era branco.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Tinha, inclusive, uma senhora loira, magra, que ficava só enrolando o cabelo e gritando e xingando todo mundo...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E pedindo: “Desce aqui! Vem aqui!”

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Histericamente: “Vem aqui! Desce, vêm para cá. Vocês estão aí, covardes, sentados! Vocês não falam nada!”

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - “Vem para cá! Vem me bater!”

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Olha, graças a Deus, o pessoal se manteve... Eu estava, assim, sabe, o meu coração: bum, bum, bum! (Risos.) Com o povo aqui de um lado, mulher do outro... Não pode! Não bate na minha cabeça aí também, não é? (Risos.) E estava assim... Olha, por pouco a gente não tomou a decisão...





**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Os senhores se sentiram ofendidos?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Muitíssimo!

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Uuuu! Palavras, assim, impúblicáveis, sabe? O pessoal, principalmente as mulheres, me dava pena de ver as mulheres, senhoras ali sendo xingadas: *“Filha desse!” “Filha daquilo!” “Vocês são assassinos!” “Vocês são não sei quê!”*

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Racista, racista, fascista!

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Em relação... Porque a pessoa que vocês nominaram foi o Onir de Araújo. Ele, também, gritou isso? Vocês sabem precisar a conduta dele?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Eu, particularmente, não... não conheço.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Eu também não conheço ninguém.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Eu passei a ter conhecimento de político agora, que eu estou... que fui envolvida nesse processo. Porque até então eu não... não tinha conhecimento. Não... não sei dizer.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Eu tomo uma conduta de, quando a pessoa começa a parte de agressão e xingamento, se não for direto, se a pessoa assim, Eu procuro não... Porque eu já estava... Sabe que, numa audiência, a gente tem toda uma preocupação de trazer o pessoal, de... de se organizar, de... Inclusive, eu havia sido convidado a... a falar. Então, eu fico um pouco nervoso, como acredito que todo mundo fica assim.. Então, para não haver essas provocações e, como da outra vez, aqui, nesta sala, ele já me fez provocação, eu evitava e ficava lá no meu canto, lá do outro lado, conversando com pessoas, tentando manter a calma de algumas pessoas que estavam mais agitadas. Havia algumas pessoas de outras regiões que diziam: *“Eu vou lá, eu vou lá... Eu vou lá, e eles vão ver o que é...”*. Não, não adianta. Isso é o que eles querem. Eles vieram aqui para tumultuar e é o que eles querem. Se nós aceitarmos as provocações, vai acontecer isso. Eu sei que, uma hora, ele pegou o microfone e começou a gritar e falar lá...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Pegaram o microfone lá na mesa e aí era completo o *show*.







**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - E... Não sei se, na época que... no horário que os microfones estavam abertos lá, se houve algum tipo de gravação, o que facilitaria até, mas é...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Um Deputado saiu rasgado, com o casaco rasgado lá...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Isso. É porque o Presidente da CPI — por causa disso que eu insisti nessa pergunta — deixou ontem clara a vontade de instaurar uma investigação, porque há um crime específico, que é o de obstruir os trabalhos da CPI.

Por causa disso, talvez, depois, nós possamos passar alguns vídeos para ver se os senhores reconhecem alguém. Nós fazemos isso, se os senhores não se importarem.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É... Eu identificava como líder, mas sem conhecê-los... aqueles que, mais ou menos, comandavam o espetáculo ali. Eu... Havia um muito forte, possante, careca — bem carecão assim.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Das corujas, não é?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Hã?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Que tinham cocar. Acho que matou dez corujas para fazer aquele cocar.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É e depois havia um lá, também, vestido de índio, com um negócio que apitava e saia pulando. E corria, passava no meio das outras pessoas. Vinha ofendendo, assim, para provocar, para partir para uma briga e de saiote e coisa. Ia lá para o palco pegar o microfone, falava. Havia esse que era vestido de índio — acho que uma das lideranças — e esse grandão, forte e careca e outro, ainda, um senhor branco, que não sei se dos direitos humanos, mais ou menos por aí esse pessoal. E aí esse era um pouquinho mais comedido, e mais aquela outra loira de cabelo comprido que, também, comandava o espetáculo. Quer dizer, havia... Notavam-se uns quatro ou cinco ali que puxavam a turma. E o outro, um moreno, que iniciou o processo, tipo um puxador de samba, assim. Dava a palavra de ordem, cantava um pedacinho, o pessoal repetia.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Esse moreno, que puxava lá, o senhor sabe quem é? Eu o vi, mas não sei quem é a pessoa.





**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Eu também não o conheço.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Não conhece.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Também não conheço.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Deixa eu perguntar, saindo um pouco desse assunto: os senhores conhecem o Sr. Arnaldo Batista?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Não, eu desconheço.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Arnaldo Batista dos Santos?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Pelo nome, não.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Pelo nome, eu também não conheço.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Ele é tido como uma pessoa que participou desses estudos lá...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Eu, particularmente, não conheço esse pessoal que fez os estudos da parte... que...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Dos levantamentos antropológicos?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É. Eu conheço os levantamentos antropológicos do Dr. Roque, que a nossa Associação contratou como argumento para os nossos advogados.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Um contralauído?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Um contralauído. Então, eu conheço o Dr. Roque. Agora, os outros eu não conheço. Eu vim conhecer essa senhora agora, na CPI, que eu vi o vídeo de Brasília na semana passada, dia 19.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Havia a Daisy?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É, eu não conhecia essa moça.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Uma coisa em termos de definição, assim, melhor do papel de cada um: a percepção que eu tive até agora, pela fala dos senhores e das senhoras, é de que a Daisy ia numa postura, vamos dizer, como que acadêmica, fazendo um levantamento à luz do que ela dizia ser um levantamento antropológico, e que o Wilson é que fazia as promessas?





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Sim, na nossa região, todo mundo conhece o Vilsinho. O Vilsinho é de conhecimento de todos: brancos, afros, todo mundo o conhece.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Quem não conhece o Wilson? Ele trabalhou aí na Assembleia muitos anos. Ele é do...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - A Assembleia que a senhora diz é na Câmara dos Deputados?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É, acho que sim.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - O Wilson foi trazido aqui pra Porto Alegre com 14, 16 anos, pelo então Deputado Romildo Bolzan.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Ele trabalhou, depois estudou aqui. Não sei qual a formação dele...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Ficou muitos anos aqui trabalhando.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Ele trabalhou aqui nesta Casa, na Assembleia Legislativa do...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Aposentou-se ali.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Aqui do Rio Grande do Sul.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Sim, mas eu falo é Câmara dos Deputados de Brasília.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Pois é...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Nós estamos em Brasília. *(Risos.)*

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Ah, sim. *(Risos.)*

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não, mas é aqui, em Porto Alegre. *(Risos.)*

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Ele trabalhou na Câmara dos Deputados aqui.





**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Aqui; sim, trabalhou muitos anos aqui.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É, muitos anos aí.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Sei.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É Vilson o nome dele.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Vilson?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não é Wilson, é Vilson; é com “V”.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Nós temos o nome dele aqui, porque houve um atentado de morte contra ele. Então acusaram a nossa Associação.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - O Presidente.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - O Presidente da época foi acusado e teve que se defender. Inclusive eu tenho aqui cópia do...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Agora, houve realmente o atentado ou foi uma simulação de atentado?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Houve, porque ele invadiu outra...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Isso...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Mas não da Associação; outra invasão que ele fez...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Ele invadiu uma invasão num local e aí... Tu sabes bem melhor a história.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Posso relatar.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E aí nos culparam. Inclusive o Presidente da nossa Associação na época contactou advogado. A nossa Associação, até em virtude de ele estar defendendo a causa nossa, em geral, reunimo-nos e pagamos. E a nossa Associação não é... são pessoas de poucas posses. Um faz uma rifa. Fizemos uma rifa para arrecadar dinheiro. Não é assim... é um aposentado, um que tem...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Tudo é pequeno proprietário.





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É pequeno proprietário. São 2 hectares, 1 hectare, é meio, é um lote. E a gente vendeu rifa e arrumou dinheiro pra pagar advogado, pra...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Esse Vilsinho foi muito desonesto, porque, segundo a história de outros, ele tentou invadir lá uma área... Ele invadiu uma área, brigou e levou um tiro — pegou de raspão.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Ele vai colocar.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - E depois ainda deu um depoimento numa... O Senador Paim estava fazendo lá uma audiência pública, e ele disse que tinha sido...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É que no dia dessa audiência nós não estávamos presentes, mas o Edson sabe bem detalhes.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Só coloco aqui à disposição, sobre a audiência de ontem, antes de entrar nesse assunto, algumas imagens de fotos que a gente fez ontem. Deixo à disposição aí pra fazer esse levantamento sobre o impedimento da realização da audiência pública de ontem. O que eu tiver de imagens aqui vou deixar. Quanto a essa questão do atentado, anteriormente eu falei, na audiência pública, em 16 de novembro de 2011, onde o Senador Paulo Paim realizou lá no Morro Alto, e nós participamos, tinha 140, 160 pessoas. Acho que, pelo que a gente viu, a maioria de moradores de lá que são contrários a este processo, estivemos lá, na mais perfeita ordem, em respeito, como nós estivemos ontem aqui. Que isso é da nossa conduta. Onde nos chamaram também pra Mesa e por coincidência eu fiquei ao lado do Vilson, assim, na ponta da mesa, do palco, e os demais. Veio o Ministério Público, Deputados, o Senador Paim e outras representações lá pra essa audiência. E ela foi gravada inclusive. Talvez nos arquivos do Senador ele tenha isso à disposição. Se tiver na íntegra, vai confirmar o que eu vou relatar agora.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E um dia anterior ele fez uma reunião só conosco. Lembra-se?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - É, no dia anterior, o Senador esteve conosco pra nos ouvir. A gente relatou o que estava acontecendo e a nossa situação.





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Com os líderes.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Essa audiência foi numa quinta-feira. E a ocorrência dessa situação de atentado contra ele mesmo — ele se autoatentou, pelo que a gente entende — está numa ocorrência policial aqui de 12 de novembro de 2011, às 9 horas, quando ele comparece à delegacia de Capão da Canoa para fazer o boletim de ocorrência. Pelo que conta, sim, ele tinha, e temos os documentos das propriedades também aqui porque o pessoal foi atrás depois como defesa. No dia... Ele tem um terreno ou tinha um terreno, um lote em Capão da Canoa, próximo ao Condomínio Dubai, e tinha um terreno baldio ao entorno, em torno de 6 hectares e alguma coisa. E ele tomou posse dessa área e entrou com processo de usucapião. Pelo que consta, as pessoas que nos contaram... Eu não conheço o local, mas nos contaram que — inclusive vizinhos que moram lá perto de casa e que têm contato com familiares de lá dessa Vila — ele tomou posse, entrou com processo de usucapião e pediu, contratou uma pessoa para ir lá cuidar, tipo caseiro, tipo alguém que cuidasse da propriedade, para que moradores da Vila não viessem invadir e construir suas casas lá em cima, porque é um terreno bom de localização, de morar, por ser junto à Vila. Pelo que contaram, essa pessoa não quis sair mais de lá. Já que ele tomou a terra, disse: *“Vou ficar morando aqui”*. Então ele convidou o Sr. Antônio e ele está aqui no boletim. Ele, de posse de uma arma, convidou o Sr. Antônio e foi até o local.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Ele é o Sr. Vilson?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - O Sr. Vilson, com a arma dele — é o que consta no boletim —, foi até o local para tirar essa pessoa de lá. E lá ele levou um tiro. Dias depois, eu soube de vizinho que me contou assim: que o caseiro, essa pessoa que estava habitando lá, tirou a arma dele com um sarrafo, bateu nele, tomou a arma, deu um tiro e queria acertar a boca do cara. Foi o que o cara relatou. E pegou de raspão na frente assim, acima da orelha. E, no dia 16 de novembro, onde ocorreu a audiência — ele estava com uma faixa amarrada na cabeça, estava com um curativo —, na formação da Mesa, eu sentei ao lado dele. Não tenho nada contra a pessoa dele. Há uma disputa que é burocrática, administrativa, enfim, mas contra a pessoa, não tenho nada contra a pessoa dele, contra ninguém lá, não é? Lá ou qualquer outro lugar. Então veio ele me dizer: *“Não, é covardia o que vocês*





fizeram comigo!” E eu: “Ô, Vilson, do que você está falando?” “Não? Querem me matar!” “Bom, matar... Ninguém vai fazer isso aí.” “Não, aqui, eu vou te derrubar lá embaixo, vou te derrubar lá embaixo do palco, só tu não te cuidares”. “Olha, Vilson, não é essa a finalidade com que nós viemos aqui! Nós viemos aqui para conversar, para colocar os fatos diante do Senador.” Isso cochichando ali. Depois, em público, ele falou e ele veio nos acusar. Realmente, ele acusou as duas Associações, acusou pessoas, citou o nome de pessoas que contrataram esse cara para matá-lo. E, na minha fala... E afirmo, e qualquer um afirmou na época, que não é da nossa conduta resolver as coisas assim, tanto é que nós estávamos ali, naquela casa, que é a casa de encontro deles, para, no diálogo, diante da mobilização social e política, tentar resolver essa situação, e que, realmente, pedimos para que o Senador apurasse esses fatos, que são uma calúnia, porque a gente não tem essa conduta, e que apurasse esses fatos e responsabilizasse quem fizesse. Até então eu não sabia desse detalhe lá do... Eu sei que ele sofreu esse disparo, esse atentado, mas não sabia do que se tratava. Dias depois é que eu fiquei sabendo disso que eu relatei anteriormente.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - O Presidente da Associação foi absolvido, não é? O Presidente da Associação já foi absolvido?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Sim, sim, na nossa Associação, porque aqui é uma Associação e ali é outra.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Sim, está bem.

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Foi, ele contratou.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sim, ele... Ele foi...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Os senhores sabem se o Sr. Vilson respondeu pelo processo de denúncia caluniosa?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Não, da nossa parte, nós não entramos com processo de... Não sei se alguém entrou, mas nós...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Nós tínhamos pensado em fazer isso aí, mas depois o nosso parceiro faleceu, veio... E aí...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Eu fui chamado a prestar ...





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Mas posso conversar com a filha, porque a filha é bem participativa e me forneceu até bastantes documentos que ela tem guardados, que é da nossa Associação, do pai dela.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Eu fui chamado a prestar depoimento em Osório, fui lá, prestei depoimento, coloquei esse fato que acabei de relatar, que não temos nada. Outras pessoas também estavam mencionadas para serem chamadas e não foram. Acho que, em se tratando, verificando que o fato não procede, deram encerramento. Mas também eu não tive nem intenção de entrar contra ele por calúnia ou difamação, porque vai estar... Não fui prejudicado, a não ser por ter sido ofendido. Claro, é uma ofensa moral, e a acusação se torna grave, principalmente quando é individual, por estar ocupando um cargo de representação, de liderança independente, ou como eu, morador de lá, seria ofendido. Mas vai levar a quê? Não tive a intenção de... Também vai ter um processo, e se desgastar aí na Justiça e vai acirrar mais essa situação. Não é nossa intenção de acirrar, de ter conflito.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - O.k.

Dona Marina, eu me lembrei de uma pergunta aqui que eu tenho que fazer à senhora, que estava lá em Morro Alto, na Associação, no início.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Sim.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - A senhora conhece a Dra. Cíntia?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Sim.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Como foi o contato seu com ela, a senhora pode falar?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Até naquele ponto, não tive problema nenhum. Ela foi, fez as perguntas que gostaria de fazer, estive na minha casa, eu respondi o que estava ao meu alcance. A minha opinião eu coloquei para ela. Conheço ela, sim.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E a senhora estava, quando a Associação fez as reuniões para formar o estatuto da associação?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não, não. Até no estatuto, não. Mas eu, na época, eu ainda participei de umas reuniões. Aí comecei a prestar bem







atenção e me inteirar das palestras, das coisas. Foi onde eu comecei a entender que aquilo ali ia nos prejudicar. Aí foi onde eu caí fora.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E esse estatuto veio depois?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É, elas continuaram pesquisando, fazendo pesquisa na localidade, nas casas. Tiveram bastante tempo por ali, a Dra. Cíntia, o Rodrigo, a Daisy, a Profa. Daisy, a outra que é chamada de Mariana. Então, elas... Não foi só uma, foram várias.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E a senhora sabe me dizer se esses professores pesquisadores participaram ativamente na constituição, na formação da associação?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Olha, isso aí, para eu afirmar, tinha que saber o conteúdo da ata, não é? Porque cada uma que participou fica na ata. Eu, logo em seguida, me retirei, mas, com certeza, elas devem ter participado.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - A senhora se lembra de elas darem alguma opinião: *“Faz isso, não faz aquilo, coloca isso...”* Ou então chamar a reunião para fazer a associação. A senhora se recorda de alguma coisa nesse sentido?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Elas participaram, andaram participando muitas vezes das reuniões, iam nas casas da gente, comiam, bebiam, porque a gente não ia se sujeitar... *“Ah! Eu vim tomar um cafezinho, eu vim...”* Mas eu não posso lhe afirmar isso aí, porque a gente, para dizer uma coisa, tem que ter certeza, não é?

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Agora, para todos os senhores: alguém ali naquela região já cultivou a terra, que os senhores se lembram, de forma coletiva ou sempre foi individual, cada um com sua posse, cada um com sua propriedade?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Cada um com sua posse. Não em grupos, não. Cada um individual.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Eu sou filha de agricultor. Eu sou uma das... entre as famílias mais antigas, assim como o meu amigo...





**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Ele ainda não falou nada hoje o Seu Lauro.

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - Eu sou Lauro Ervino Gayer. Não, eu, primeiro, estava prestando atenção, para depois fazer um relato.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E meu pai nunca... Nunca houve trabalho em conjunto; havia ajuda, se precisasse: *"Oh! Vou te emprestar o meu boi, para arar"*. Porque meu pai era... porque somos de família pobre, e não era como agora, que é trator. Não! Era arado, enxada, e meu pai pagava alguém para ajudá-lo na hora que tinha mais serviço. Mas trabalho em comum, não.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Perfeito. O senhor quer complementar alguma coisa, Sr. Lauro...

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - Lauro Ervino Gayer. No caso do meu avô, do meu pai, por exemplo, nós moramos numa área de terra que nós temos escritura pública, com inventário, desde 1882. Anteriormente, já havia a escritura, mas está no arquivo. Aí tem que pesquisar mais. Já havia sido dada aquela área de terra para João Antônio Marques, na época do Império. E eu tenho aqui o inventário e do qual — meu avô foi para lá em 1920; em 1923, ele veio a falecer — se tornou proprietário o meu pai, que tinha, na época, eu acho que 18 ou 20 anos, por aí. Daquela época, a gente sempre está lá, sempre esteve lá. Inclusive o meu pai tinha moinho de milho, trigo, arroz. Inclusive, ele moía para toda aquela região, que era o único moinho que tinha ali. E aí a gente tinha aquele convívio com a população ali, tanto fazia brancos, como negros. E nunca teve algo em atrito ou alguma coisa ali de que se tivesse notícia. Inclusive Agupapés — num primeiro estudo que teve lá, parece — depois eu fiquei sabendo que não estava incluído. Foi incluída posteriormente a área de Agupapés, que tinha uma família lá que exigia que ali fosse quilombo. Mas que nunca existiu quilombo ali nunca existiu. Claro, escravos existiram. De repente, famílias que trabalhavam nas fazendas, mas quilombo...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Pelo que eu me recordo, isso se iniciou a partir de um inventário. Uma senhora teria deixado uma terra para alguns escravos ocuparem. E essa terra teria em torno de 200 hectares. Não me lembro bem do número.





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Falam em outra medida, não é? Nem falam em hectares, não é?

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - É braças, não é?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É. Eu tenho um histórico aqui.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - A senhora tem um histórico. E especificamente essa terra, hoje, está ocupada por pessoas que não querem a demarcação do quilombo? A senhora sabe me dizer?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Bom, eu acho que de todos que estão ali ninguém quer!

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Ninguém?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não, ninguém quer.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Olha, eu não tenho assim bem convicção da área bem certinha. Eu até tive uma impressão de que... Onde anteriormente era dos meus avós, eu acredito que tenha sido... Dá a impressão, mas eu não tenho certeza, porque é assim bem confuso o relatório — sabe?

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Então, nem da área desse inventário os senhores tem conhecimento? Não sabem precisar onde ela seria?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não. Eu vim a ter parte de conhecimento, até com pouca dificuldade de entender aquilo ali, agora com o processo, buscando argumentos para dar para o nosso advogado. E essa questão do trabalho que o senhor falou se havia trabalho em... O que acontecia? Meu pai, por exemplo, arrendava a terra, mas ele pagava. O terreiro do meu pai era pequeno e não tinha área suficiente, porque era banhado. E ele precisa plantar mandioca, que precisava de um terreno mais alto, então ele arrendava. Ele pagava a renda para aquele que tinha uma terra maior.

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - Ali em Aguapés, no caso... Eu até tenho a planta aqui comigo, ela tem a demarcação de todas as áreas, inclusive a terra que foi doada às pessoas que moravam lá. Por exemplo, tem uma área de 27 hectares, parece, e outra de 3, que foi doada. Inclusive, até hoje, essa área de 27 é ocupada por pessoas da família da época, que é o João Carlos lá... E a outra área era de





uma outra pessoa que já faleceu, e ali já venderam, já não existe mais ninguém naquela área.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Deixa eu aproveitar essa oportunidade. Hoje argumenta-se que a lei não permite essa ideia que eu vou falar agora, mas a proposta da CPI também é alterar a legislação, a Constituição, para tentar pacificar e resolver o problema.

Teria alguma área, naquela região, que seria possível fazer um acordo com essas pessoas que querem a demarcação do quilombo e falar: *“Olha, não dá mil hectares, mas talvez tenha 200 hectares ali?”* Já houve alguma conversa nesse sentido? Seria possível?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - A nossa área... Todas são pequenas áreas. Eu tenho um vizinho que tem 100 hectares, que comprou pedacinho, pedacinho e pedacinho. Tem outro lá que tem... Os Bassanis tinham setecentos e poucos hectares. Fora isso, é assim: são 10, 2, 1... Então, de 100 hectares tem a família do Amado, a família do Medeiros... É contado.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É meia dúzia.

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - A minha área, no caso, é de 24 hectares.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - A minha área é de 11...

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - Da minha família, quer dizer... Aí tem os irmãos, os herdeiros, tudo.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Essas propriedades maiores...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Sim.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - As que são maiores, em parte do ano, ficam 80% embaixo da água.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Exatamente.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - São áreas de banhado e de várzea, e, quando chove, o rio enche. Agora, de setembro e outubro para cá, em agosto, que choveu, o pessoal teve que vender os animais que tinha, porque não tinha onde colocar... Aí ficou com 1 metro, 2 metros de água, de lama...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Sim. A família Medeiros é uma.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Que não tem condições nem de...





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Mas isso, o senhor vê: numa região de novecentas e poucas famílias, nós contamos aqui no dedo o número de...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Tudo tem pouquinho, não é?

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Eu compreendi. É porque, às vezes, em outras regiões que nós visitamos, eles falavam: *“Ah, tem uma região ali que daria...”*

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não é o nosso caso.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - No caso aqui não...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Porque ela é muito ocupada.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Todo mundo ocupa ali.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Na verdade mesmo, o que a gente quer é que dessem um fim nisso, que eles terminassem com isso. Eu sei que foi para o Ministério Público. Uma vez eu fui ao Ministério, eu escutei, eu ouvi isso aí, e tudo me levou a tomar a decisão que eu tomei. *“É porque foi para o Ministério e não pode voltar atrás”*. Como que não pode? Eu acho que nada é irreversível, não é? O que a gente quer é ficar com o que é nosso e acabar com isso. Lá não é terra de descendente.

*(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)*

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - O Sr. Heitor está entregando alguns documentos aqui. Depois eu vou tirar cópia de tudo isso que os senhores estão mostrando.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Perfeito. Até porque nós gostaríamos de continuar com eles. *(Risos.)*

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Porque, senão, a gente não chega...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Se encerrasse aqui, poderíamos. Mas não sei quanto tempo ainda vamos...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Só Deus sabe, mas temos esperança.





**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E quem quiser acrescentar algo...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Os terrenos, assim, estão todos ocupados.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Estão todos com as suas famílias, que criaram... Aí vão casando os filhos, que vão fazendo casa ao redor, vão morando... Não tem espaço para entrar mais ninguém, não é? É pouca coisa.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Na Mata Atlântica ninguém pode mexer. Tem proprietários ali nos morros que não podem plantar, porque é a Mata Atlântica.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não pode cortar uma árvore, não é? Então...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Pelo que os senhores falaram, as pessoas que mais se manifestam pela demarcação são pessoas que, às vezes, nem são de lá.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Nem são de lá.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Perfeito.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - A grande maioria não é de lá.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - A grande maioria não seria de lá.

E os senhores conhecem algum caso de uma pessoa que vendeu a propriedade lá e agora quer que demarque o quilombo para poder — entre aspas — “voltar”?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - A história é que teria uma tal de... Aí nessa relação fala até o nome dessa pessoa que teria dado a alguns escravos uma quantidade de terras. E, segundo também consta, esses que receberam venderam. Agora não sei quem vendeu e quem comprou. Mas não tem nenhum desses mais.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Vendeu está vendido, não é? Não pode... Vai querer de volta agora?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Eu não sei quem eram essas pessoas. Talvez a senhora lembre.





**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - É porque chegou ao nosso conhecimento que inclusive uma das pessoas da Associação Rosa Marques teria, há poucos anos, vendido a terra que tinha lá e depois entrou para a Associação para reconhecer o quilombo. Mas disso os senhores não têm conhecimento?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É, a gente ouviu isso em conversa, sobre isso, sim, que foi dada por uma — como é que se diz? — sinhazinha, um sinhozinho, como se dizia na época, que ganharam, mas ganharam de boca e tal. E depois acho que criaram um documento, alguma coisa sobre isso.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Houve muitas vendas. Eu já estou... Meu pai foi para ali em 1941. Eu nasci e me criei ali. Dos antigos, a grande maioria já morreu, como meu pai — faleceu agora, com 91 anos; agora no mês de outubro. O pessoal antigo vendeu. Agora...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É, e daí uma família grande vai vendendo. Morre o pai, morre a mãe, aí vai para os herdeiros. Um foi embora para Porto Alegre, outro foi não sei para onde, aí vende aquele pedacinho, não é? Ninguém mais tem estância grande, não é? Então, cada um ficou com o seu pedaço.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Pode ser que nessa relação ali conste que desde 1700, terra dada pelo marechal não sei quem, do tempo da Coroa... E aí foi para o nome de todos. Este vendeu para aquele, aquele... Tem uma parte aí que fica meio obscura, mas tem bastante dado.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É, esse que o senhor... Vocês têm (*ininteligível*).

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Alguém gostaria de complementar alguma coisa? Pode ficar bem à vontade. Se quiser tentar lembrar aí algo que se esqueceu de contar...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não sei se vocês querem tirar cópia deste...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Eu vou querer cópia.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - O que, assim...  
(*Intervenção fora do microfone. Ininteligível.*)





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Hum, hum... *(Pausa.)*

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Pode falar.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Assim como a mim, a todos — eu acredito — o que chocou bastante, o que até no início, nós não acreditávamos que fosse verdadeiro e, quando eu soube, por exemplo, achei que era... *“Não! Isso é história, não é?”*

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Até hoje tem gente que não acredita, tem gente que não entrou na Associação... *“Não, isso é bobagem. Como é que vão tirar uma terra que é minha, se está no meu nome?”* Muitos ainda estão nessa...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É, em virtude de... Em particular, assim como em outras famílias — não sou específica no assunto, não é exclusivo meu —, mas eu me surpreendi muito. Pô, com escritura, com registros, registros de imóveis! Então, isso me chocou. Não entendi como. Por que, então, ter toda essa documentação? Não só eu, como também muitas pessoas possuem documentação assim, legal, como eu tenho. Nem todos possuem... Até muitos não têm uma documentação em dia pelo alto custo que tem uma documentação. Eu, agora, por exemplo, tive que fazer uma, porque meu pai faleceu agora há pouco e vi o custo que é. As pessoas não têm condições de...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - A senhora me fez lembrar outra pergunta aqui. Quando se reconhece um quilombo, o INCRA teria que indenizar a propriedade daquelas pessoas. O INCRA chegou a fazer algum levantamento, alguma proposta? Chegou a ter esse tipo... Ou ainda não chegou a essa fase?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não, teve uma época em que...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não, não chegou. Em valores, não chegou.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Não. Em valores, não, mas que falaram na indenização, falaram muito.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Mas não se falou em valores?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Falou, falou.







**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Aí todo mundo se apavorou. Como é que ia ser? Disseram: *“Não, mas aí eles vão ver quanto vale cada terreno. Aí vai ser pago pelo valor”*.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Tem um relatório de uma comissão que eu não trouxe comigo — acho que não, vou dar uma olhada, se tiver, eu deixo à disposição —, um relatório de uma comissão interdisciplinar, uma coisa assim, do INCRA, em que eles fazem avaliação do território em 32 milhões de reais, para indenização. Dados os investimentos, ao longo dos anos, que as pessoas têm lá... A família do Seu Lauro está há cinco, seis gerações ali, são muitos anos de investimento — assim como a minha e como a de todos. Há uma em específico... Isso aí foi... Foi tirada uma dúvida com o setor imobiliário da região ali, pedindo uma avaliação do que seria, não é? Um dos investimentos ali de lazer, na época, foi avaliado em 22 milhões de reais, pelo investimento que a pessoa tem ao longo dos anos ali.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - O Camping. É o Camping Pinguela.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - O Camping Pinguela late Clube.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Tem *site*. É bem conhecido na nossa região aqui de Porto Alegre.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Ou seja, os 32 milhões não indenizariam corretamente a comunidade?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Não, não. Essa avaliação imobiliária que foi informalmente requisitada assim: *“Ah, quanto é que vale essa região assim, assim?”* A pessoa andou com esse avaliador, e ele disse: *“Olha, em torno de 450 milhões de reais”*, na época. Só que não é a questão. Só que, claro, tu vais juntar peças para te defender, vais buscando essas informações. Não é o caso que a gente quer. Não queremos dinheiro. Não queremos ser indenizados. Porque no momento em que o Sr. Lauro, que planta hortaliça, que tem as feiras, tem mercado para atender, se ele ficar um mês fora do fornecimento, ele perde todo o mercado.

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - Se eu ficar uma semana...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Se ficar uma semana, perde todo o mercado. Outra pessoa entra. Então, não é o valor que vai indenizar. Ou seja, ele





tem 30, 40 anos de melhoramento de solo, de juntar adubação verde, de drenagem que foi feita na época do ProVárzea. Então, todos os programas que têm aí. Os PRONAFs que têm para pagar ainda de trator, de investimento, de irrigação, de contenção na beira dos riachos para ter água de boa qualidade, os morros que foram preservados para ter água de boa qualidade não só para o uso da irrigação das lavouras, mas para os demais que usam ao longo do manancial. Então, tudo isso aí não é pagável. Não tem como tirar uma pessoa de um local e ter que refazer 20, 30 anos de trabalho, para ter condições de produção daquela lavoura, com qualquer recurso ou com um recurso. Não tem vida suficiente para chegar novamente a isso. Então, não é questão de valores. Se buscar uma outra solução, com certeza se deve fazer...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Mas em uma das reuniões com o INCRA, eles chegaram a levantar essa hipótese: “*Não, mas*” — eu nem me recordo do local — “*temos locais para vocês lá*”. Não faço nem ideia de onde era. Tirar a nós moradores para... Tem lugar lá no... Não recordo o nome do lugar.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Eu não sei se os senhores conhecem essa região ali.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Vale a pena!

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Mas ela está localizada talvez numa das áreas mais nobres do Estado. Vejam que ela pega pela 101 — do lado esquerdo é morro, e do lado direito, várias lagoas. Então, na minha estrada ali, da 101 para lá, eu moro na 407, que vai para o litoral, fica a 11 quilômetros da 101 até o mar. Ali, em toda essa estrada, tem lagoa aqui e aqui. E aqui tem o Rio Tramandaí que passa. Tu tens que atravessar de barco. Então, se eu abrir um canal aqui, onde são essas lagoas, eu estou dentro de uma ilha. Aqui, eu enxergo da minha casa, que são 11 hectares — 3 do meu guri, 8 nossos... Eu tenho a visão dos morros e da lagoa e do campo. Então, são cenas assim, áreas que têm um valor histórico e de beleza natural fantástica. O meu vizinho comprou agora — para ver o que valorizou essa área — 3 hectares, do meu lado também, na frente a estrada asfaltada, com luz elétrica, sinal de Internet e tudo. E aí por 3 hectares, pagou 500 mil reais, da frente aos fundos — 500 mil. A minha tem 8, dentro dessa mesma condição. O meu guri tem 3, na mesma condição. Quer dizer, se alguém hoje chegasse para mim e





dissesse: “Quer 2 mil pelos teus 8 hectares?” “Não!” Nem se: “Não, tu fica aqui com a tua casa”. “Não, só essa visão aqui eu não encontro mais em lugar nenhum”.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E as fábricas agora estão chegando...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Então, essa quantidade de valores é complicada, não é? Valor de mercado, ali, já estão falando em 150 o hectare. Mas 150 o hectare de terra? Eu não tenho só terra. Eu tenho uma floresta perto da minha casa. Eu tenho uma lagoa nos fundos da minha casa. Eu tenho um morro na minha visão, o sol se pondo ali. Quer dizer, são coisas que o preço é muito... O preço de mercado, então... Uma casa que o cara quer comprar é 150 o hectare. Não, você está falando em campo. Eu estou falando da minha residência, com tudo isso aqui, com arvoredo, com isso, com aquilo...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E eu falo do meu sentimento, que meu pai cultivou aquilo, com enxada, com boi, com machado.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim, fora o valor (*ininteligível*), não é?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Ele faleceu agora, há pouco tempo, no mês de outubro. Ele me criou ali, com muita dificuldade, e pagou, comprou com escritura, com registro. Esse sentimento não tem valor.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas de Azevedo Carvalho) - O que a gente tem visto é que, em várias ocasiões, o INCRA faz um levantamento monetário muito abaixo...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas de Azevedo Carvalho) - E mais do que isso tem a questão moral, a ligação daquelas pessoas com a terra. Isso nem sempre se paga.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sem dúvida. Desmanchar uma comunidade porque seis iniciaram um processo...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Quando viemos à Assembleia com a Ana Amélia, eles nos chamaram de grileiros. A esposa do seu vizinho foi uma que berrava lá na frente. O senhor se lembra? O senhor estava junto? Ela berrava lá na frente: “*Calem a boca, seus grileiros*”. Não somos grileiros.





Não somos invasores. Temos documentos. Então, o que me revolta muito é: para que tanto documento, para que pagar tantas taxas se chega alguém e diz: “Vão embora”?

**O SR. COORDENADOR** (Lucas de Azevedo Carvalho) - Perfeito. O senhor tocou aí na questão da BR-101. Hoje, naquela região, ela é duplicada?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não, a... Desculpe. Ela é duplicada, mas aquele desvio ficou... Houve um desvio...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Foi feito um túnel. A 101 vinha aqui, eles cortaram essa volta, para passar um túnel.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Aquela voltinha permanece como era: conservada, bem conservada. E eu tive informação de que essa conservação seria um benefício para os que pretendiam ser quilombolas na época.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Porque era área de quilombo.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas de Azevedo Carvalho) - Chegou à CPI notícia de que essa constituição da associação coincidiu com a época na qual se fazia obras na BR-101 ou visava-se fazer obras. Vocês sabem falar sobre isso?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim, o túnel. Parece que eles foram indenizados inclusive, porque eles achavam que a terra era deles e que o túnel iria ser aberto ali.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Pode ser que o Edson tenha maior conhecimento do túnel lá. Edson?

**O SR. COORDENADOR** (Lucas de Azevedo Carvalho) - A questão é que chegou à CPI que essa associação de remanescentes de quilombolas teria sido criada, coincidentemente ou não, à época de obras na BR- 101 e que eles queriam acelerar a formação da associação por causa do início dessas obras. O senhor sabe dizer alguma coisa sobre isso?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Possivelmente foi porque, logo em seguida, eles pegaram o dinheiro da indenização da obra lá.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - O que eu pude acompanhar foram alguns vídeos que a própria associação, a Catarse publicou, onde o Wilson e o Sr. Manoel Chico relatam que querem e que é direito deles receberem as indenizações, receberem isso aí, porque é de direito, porque iam ser prejudicados, porque os





comércios iam fechar e tal. Na verdade, eu desconheço que algum deles tivesse comércio ao longo da 101, do trecho que foi desativado como principal. A informação que tenho é essa dos vídeos que eles publicaram. E é comentário também...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - O Mané Chico... Abrindo um parêntese, o Mané Chico seria o sogro desse moço que veio lá de não sei de onde.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - O sogro, é? Do Alan?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Do Alan? Eu não sei...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas de Azevedo Carvalho) - Desse rapaz que veio da Costa Rica.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Isso.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Costa do Marfim.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - O Mané Chico é um senhor de idade.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Quase 90 anos, ou 90 já.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Ele não mora... Segundo o que me disseram, ele não está morando ali.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - *(Ininteligível)* faz tempo já.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E aí moram ali...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Os filhos, não é?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E aquelas famílias ali que têm umas três ou quatro casas ali, aqueles é que são ferrenhos na ideia de quererem a área. Eles são bem ferrenhos.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas de Azevedo Carvalho) - Sr. Heitor, o senhor ouviu dizer, então, que eles receberam dinheiro?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim, pelo que consta...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas de Azevedo Carvalho) - Mas não sabe citar valor e quem pagou?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não sei. Pelo que consta, eles foram indenizados. Essa verba, segundo consta, eles receberam.





**O SR. COORDENADOR** (Lucas de Azevedo Carvalho) - O Sr. Lauro está aqui com um mapa. O senhor quer acrescentar alguma coisa?

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - Eu só quero acrescentar que essa área aqui ficou para os descendentes e essa aqui.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas de Azevedo Carvalho) - Então, essa área com o número romano VI e uma em que está escrito Nair, salvo engano, ao lado da área do Nair, Polígono 3, seriam as áreas desse inventário?

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - Isso, que ficou para os negros, aqui no caso, e aqui eles residiam, em cima, até hoje.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - E o restante todo foi ampliação. O que se pretende demarcar é o restante todo aqui?

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - É daqui para cá.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - A área já está demarcada por eles.

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - Já está por eles.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Seria qual área aqui?

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - Daqui do rio, do Arroio São João, aqui, daqui toda essa área aqui. E aqui encosta, quer dizer, aqui tem outra área de terra, e aí vai até o Morro Alto, parece que é. Aqui é outra fazenda. Essa aqui é essa fazenda.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - É recorta aqui, até o Polígono 2, parte do Polígono 2, o 1, vindo até o topo do morro, seguindo pelo arroio, aqui, por esse arroio, até o topo do morro, conhecido como Morro do Chapéu. Eles usavam outro nome lá, mas sempre é conhecido como Morro do Chapéu, inclusive esse mapa é de 1882.

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - Ele foi lavrado em 1920.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Em 1920. Está aqui.

**O SR. LAURO ERVINO GAYER** - A escritura, o inventário é de 1882, a escritura pública, o inventário público. Aqui era uma fazenda de João Antônio Marques.





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - O critério de demarcação também ficou bastante confuso, porque bem próximo da minha residência tem, então, uma área um pouco maior, que é da família Bassani. Lá houve, pelos antigos, os velhos proprietários, que agora já faleceram, ficaram os filhos, fizeram uma estrada para chegar até a casa. E aquela estrada acabou sendo utilizada para outra... Então, essa demarcação pegou... Não pegou toda a área, pegou aquela estrada que foi feita, não é uma estrada estadual, nada, é uma estrada que o proprietário fez. Então, não é nem toda a área, é parte da área, mas com essa estrada que a família fez, construiu para ter acesso à sua casa.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Essa estrada seria a linha divisória, mas foi uma estrada feita por um proprietário...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Exatamente.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - ... recente, assim.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não, é um proprietário antigo, inclusive, o filho, ontem, estava aqui. Já é uma propriedade bem... da época do meu pai, o meu pai já faleceu com 90 anos, agora. E ele seria nessa faixa de idade, já faleceu. Então, ele fez uma estrada. Como a área dele, provavelmente fosse a área maior da nossa região, tinha, na época, 700 hectares, e construiu uma casa lá pelo meio, ele construiu uma estrada para chegar, para ter acesso até a casa dele.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - De chão batido...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É, para passar uma carroça, para passar um carro. E, na hora da demarcação, foi usada essa...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Como limite.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É. Interessante, então, não é toda a área.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - E parte dessa área foi usada a RS-407, como demarcação também. Então, não tem...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Eu estou falando lá nos Bassani, lá embaixo.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Sim, junto onde vai para balsa, não é?





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE - É.**

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA - Exato.**

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS - É, barra do (*ininteligível*).**

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA -** E antes disso, só pega, se prolonga de um lado da 407, e do outro, não.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA - Exatamente.**

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA -** Então, tem referências mais recentes. Essa estrada que vai até a balsa foi o proprietário que fez ali, para ter acesso lá. E, posteriormente, o Município a assumiu e construiu uma balsa para ter acesso ao outro lado do Rio Maquiné.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE -** Sim, também, não é estadual, nem nada. É uma...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA -** Se você usava, se era um território de quilombo, como é que tu ia ter o limitante ali? Tu ia usar mais áreas, não ia simplesmente chegar próximo à lagoa, e não chegar à lagoa para pescar, não é? Se é a subsistência de que a propriedade era ali, e se fosse trabalhar com limitantes de propriedade, também as propriedades ali algumas, elas ultrapassam a estrada, não é?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA -** Sim.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE -** Sim.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA -** Então, não é um limitante de que a propriedade era de tal pessoa...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE -** Que fosse, no caso...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA -** ... que doou lá para eles. Teria doado, então, a propriedade inteira. Então, são partes que não coincidem com a documentação.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA -** E a ideia deles seria estender essa área até o Rio Tramandaí. É a tal da braça. Então, eu ouvi o depoimento da antropóloga. Não sei, parece que eu não vi, porque eu não sei.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE -** Ah, aquela antropóloga?







**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Como são braças, aquilo vai alongando, vai alongando, quer dizer, vai sair lá e chega ao mar. Quer dizer, nem ela tem a ideia da medida, se é braça, se é metro.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Aí também o que eu vou dizer agora é aquele diz que diz que na hora da demarcação também. Ali no Sr. Bernardo, por exemplo, parou ali, porque, segundo o diz que diz que, o seu Vilsinho teria cavalos dentro desse campo: *“Não, o teu campo, você pode ficar tranquilo que não vai entrar. O teu campo não”*.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - E aí veio o corte.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Lá no Bernardo, no falecido Bernardo. Lá não entraria, porque os cavalos do seu Vilsinho estavam lá, na época. Isso era diz que diz que. E pessoa já faleceu até.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Mas eles pararam a demarcação.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEI ROCHA** - Mas onde estavam os cavalos do seu Vilsinho? Entrou ou não entrou?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não entrou.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Ai que horror!

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - E aquele desenho ali ficou muito interessante.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Os senhores têm aí o desenho da área demarcada?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Eu tenho, inclusive, ele já faz parte da CPI. Toda essa documentação que nós temos aqui nós entregamos junto, mas está aqui à disposição também.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Seria isso daqui?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Exatamente, toda essa área demarcada aqui ao longo da Lagoa da Pinguela, compreendendo o Arroio São João, denominado aqui Arroio São João, passando próximo ao túnel, e o túnel ficaria dentro da área, subindo o morro por esse arroio, conhecido como São João. Aí traçaria uma linha reta até o topo do Morro do Chapéu, porque essa linha reta, do outro lado, ela compõe uma reserva indígena do Município do Cará, que se estende





até ali. Do Morro do Chapéu em diante, ela segue uma linha reta no Município de Maquiné, na localidade de Espraiaados, até encontrar um riacho mais próximo à escola. Mais próximo à escola ali. A família é... Aquela família próxima à escola.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Israel?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não, ali, do...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Enfim, o outro lado ali.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - O outro lado.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Os Munaris?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Os Munaris. Um riacho próximo aos Munaris, de onde já sai o túnel da 101 no Município de Maquiné, circulando por esse riacho até encontrar o Rio Maquiné, e ele indo até a balsa. Essa balsa segue essa estrada aqui, então, que sai até na 407, essa estrada secundária do Município, que seria até a estrada e não até a lagoa, e vindo até a 407 aqui, que é em direção a Capão da Canoa. Um lado correu por toda a 407, ficando...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Aqui é a 407?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Isso, aqui é a 407. Vem aqui, assim, até Morro Alto. A área onde ficavam os cavalos é essa área aqui.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Na 101 com a 407.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - É essa área. É por isso que houve o corte. Aqui tem outra estrada que dá acesso ao fundo da lagoa. De um lado, os Bernardos que a D. Selmira comenta onde havia os cavalos deles.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Que é dos cavalos.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Então, ficou de fora, e entraria essa outra área aqui onde circunda uma lagoinha, chamada Lagoa Negra, e uma faixa de terra entre a Lagoa Negra e a Pinguela, chegando novamente à Lagoa da Pinguela, onde conclui o perímetro.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Aqui é uma comunidade?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Isso.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Uma vilazinha?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Isso. Aqui é a Comunidade do Morro Alto, pertence à Maquiné. Aqui outra, onde é Faxinal, tem a comunidade. E lá no





fundo é a balsa. Ao longo da antiga 101 aqui, é a comunidade do Ribeirão. E, mais à frente, de onde sai o túnel, é a comunidade dos Espriados. No Município de Osório, que é a comunidade de Aguapés, em direção a Morro Alto, a comunidade de Barranceiras; e, mais adiante aqui, onde se encontra a estrutura do Pinguela também, é a comunidade da Areia. Tem essa estrutura de lazer e tem as pedreiras, que ficam em torno. São duas ou três pedreiras.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Tem a pedreira de José Inácio.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Não, não. Do lado de Osório, são duas ou três. Tem uma que estava em fase de licenciamento também.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Acho que são três.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - São três pedreiras lá de Osório, e mais três ou quatro do lado do Morro Alto, uma do Sr. José Inácio.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - José Inácio.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - A de Fontanela ali, né?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Aquela que está funcionando agora lá.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - E são duas que estão nas terras do Sr. Manoel Borracheiro, que é um militante da Associação, ou até então era. Ele está desanimado pela situação que se encontra hoje a comunidade.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Tesoureiro da Associação.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Que recebia as...

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Eles alegam que nós, que exploramos as pedreiras, recebemos isso. Não. Duas dessas pedreiras estão em nome de um dos militantes da associação. Então, muitas coisas que eles afirmam ali não condizem com o que é real.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E ele recebia cestas básicas e distribuía para alguns, não sei para quem. Distribuía talvez até para pessoas que nem tinham necessidade.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Nem eram de lá.





**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Professor que mora em Capão da Canoa recebia cesta básica que o Sr. Manoel Borracheiro recebia, e para distribuição.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - A senhora sabe falar o nome desse professor que recebia? Se não quiser falar não tem problema.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Se eu fosse dizer o nome, não lembraria agora, mas sei bem quem é.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Outro tipo de denúncia que nos tem chegado é que, às vezes, essas pessoas fazem um cadastro que não corresponde à realidade. Por exemplo, existem 30 pessoas acampadas; eles cadastram 200, para receber mais cestas básicas e gerar um lucro. Vocês ouviram alguma coisa disso lá?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não, isso eu não ouvi.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Eu não tenho conhecimento detalhado das cestas básicas.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Dão para quem eles querem, não é?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Só sei que ele recebia.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Sim, ele recebia e distribuía.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - A senhora já chegou a pegar alguma cesta básica com ele ou não?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Quando eu estava na Associação, eu recebi, pouco, mas recebi. Eu sou funcionária aposentada, eu tenho minha cesta da Prefeitura. Um dia, eu disse: *"Eu não quero, dá para quem precisa; eu tenho a minha cesta"*.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Mas era o Sr. Manoel que fazia essa distribuição?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Ele distribui, porque ele recebe na casa dele. Fica guardada na casa dele, e ele distribui para as pessoas. Agora nem vem mais, parece que não vem mais. Eu ouvi dizer que não vem mais. Faz anos que eu caí fora. Já há tempo não estou participando junto com eles, já há tempo eu não estou com eles.





**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - O que houve, há 3 ou 4 anos, foi uma distribuição de mudas frutíferas.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Perfeito.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Alguns vizinhos meus plantaram essas mudas. Eu moro junto ao perímetro também. Eles plantaram e estão lá colhendo só os frutos. Ótimo! Que bom! Agora, eu soube de outros comentários que muitas pessoas encheram camionetes, do tipo Saveiro, pequena e foram vender em Capão da Canoa. Isso aí várias pessoas vieram me relatar. *“A metade das mudas eles levaram para vender em Capão da Canoa”*. Outros comentaram: *“Eu comprei muda lá do quilombo”*. Aqueles que plantaram, que bom! Hoje, na vinda para cá, a gente estava comentando dos vizinhos que pediam uma laranja, pediam outra: *“Tem aí, pode apanhar”*. E perguntavam: *“Por que tu não plantas? Em 2 ou 3 anos, estás colhendo”*. *“Ah, leva muito tempo para dar”*. Que bom que esses agora plantaram. Fico contente que eles tenham fruta para colher e comer agora.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Hoje, nós iríamos trazer para depoimento, mas como ele veio ontem... Ele é neto de escravo, o Sr. José Inácio. Ele viria, mas, como já veio ontem... Ele é dono de uma pedreira. Ele viria conosco hoje, mas, como ele veio ontem...

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Ele é neto de um...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - De um ex-escravo.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Esse é o dono das pedreiras que distribui as cestas básicas ou não?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não, é outra pedreira.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É outra pedreira. O da pedreira da cesta básica é da Associação dos Quilombolas.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Rosa Marques.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Esse é do nosso lado. Ontem, ele foi entrevistado.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Acho que saiu na RBS ontem.





**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Na RBS, eu vi hoje de manhã. Cedo já estava dando no *Hora 1* ele falando. Ele tinha um bisavô, ou sei lá quem era, que dizem que foi escravo.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não, é o avô do José Inácio.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - O avô dele foi escravo. Ele narra o seguinte: que o avô era escravo e que ele nunca viu o avô falar sobre quilombo ali. Ele narra também que ele, como negro, prosperou muito. Ele comprou terra, ficou ali, trabalhou, fez pedreira, tem caminhão. Hoje é Vice-Presidente da nossa Associação.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - E, pelo que me consta, e as pessoas que o conhecem, a D. Marina o conhece mais, também era uma pessoa humilde, sem condição nenhuma.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É o meu primo, meu primo irmão, as nossas mães são irmãs. Ele trabalhou como um bicho, coitadinho, para ter o que ele tem hoje, né? E tudo isso, e foram lá para a casa dele, queriam invadir, entrar na casa dele. Diziam: *“Essa casa vai ser minha, aquela vai ser minha”*. Já andavam botando o dedo nas casas lá que eles iam tomar conta, com essa associação. Já pensou uma coisa dessas? O dono tinha que sair para a rua, não sei para onde, para eles... Tem cabimento uma coisa dessas? Ah, deu gente passando mal e dando faniquito e coisa, porque é triste, né, você ter as suas coisas, e, depois, dizerem que vai perder. Então, a gente está naquele risco. Será que vai acontecer, não vai? Não é fácil.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Essa família...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É bom notar que esse pessoal fez muita pressão para que os outros aderissem ao movimento.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Essa família que a D. Marina está relatando é a família do Mané Chico, que andou lá afrontando...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - É extremante, né?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Eles moram na frente, e, então, ficavam de afronta: *“Aqui vai ser meu”*. Passavam nos fundos. Aí ele até fez





um pátio, então, para que essas pessoas não ficassem afrontando a família e dizendo: “*Isso aqui vai ser meu*”. Cercou a residência dele.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - E ele foi um trabalhador que prosperou, fez uma bela casa ali na frente. Não era nem cercada, porque é dentro da área dele. Aí, ele agora botou tela grande, porque o pessoal fica fazendo, tipo assim...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Provocações.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Ponto de terror para ele.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Provocações.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Alguém quer acrescentar alguma coisa? Acho que as minhas perguntas acabaram.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Eu acho que o principal aí já foi dito.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Na região de Osório, ali, em algumas situações, ficam nos acusando de fazendeiros, de exploradores. Se 4 hectares, 10 hectares de propriedade forem fazenda, e esses 60%, 70%, forem com vegetação nativa, ou seja, quem trabalha com hortaliça, no caso do Lauro, eu e tantos outros lá — eu, especificamente, com a apicultura —, não temos grandes propriedades. Tanto é que essa região aí, que consta nesse mapa antigo, onde tem as divisórias, elas já foram mais fracionadas ainda. Aí havia propriedades de 20, 30, 40 hectares, e hoje elas têm 10, 8, 6 hectares. Elas, ao longo do tempo, vão sendo fracionadas, ou os filhos que herdaram e ficam ali, ou elas são vendidas, e outras pessoas vêm morar e trabalhar ali. Então, essa acusação que nos fazem não é real. São pequenas propriedades, são agricultores familiares, são pessoas que residem ali e que trabalham ou na agricultura ou fora. E sempre tiveram um convívio harmonioso e pacífico, tanto é que essa propriedade que o Sr. Lauro fala aí, que era de escravos e que foi doada, tinha 27, 24 hectares.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Vinte e sete.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Vinte e sete hectares. Estão lá, todo mundo os respeita, tem convívio. E, inclusive, um dos proprietários lá é compadre, são padrinhos, era do Presidente da nossa Associação. Então, o convívio de família, anterior e, agora, posterior a esse processo, a gente tem buscado manter, não fazendo essa afronta que eles fizeram ontem ali, né? Tanto é que perceberam lá que





o nosso público, sem pedir, sem falar nada, o que nós estávamos tentando apaziguar eram as outras pessoas, de outras regiões que estavam mais acima. O nosso povo estava sentado ali, esperando uma solução para o problema para atingir o objetivo pelo qual nós viemos. Então, todo mundo de muito boa paz, pacífico, de tentar ter o convívio que nós tínhamos há anos, que era um convívio mútuo, de cumplicidade, de ajuda, enfim, um convívio social esperado, que toda comunidade quer ter, e a gente procura e preza por manter isso.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Os senhores têm ideia de quanto já gastaram em relação a valores para se defenderem?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Como? Eu não entendi a pergunta.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Tem ideia de quanto a Associação já gastou para fazer todas essas defesas? Por alto, só para ter uma...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Olhe, tem mais ou menos, assim vamos dizer...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - O historiador...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Teve viagens para Brasília. Só a equipe de antropólogos ali...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Sessenta mil.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sessenta mil, né? Pararam lá 1 mês, com quatro equipes e tal. Sessenta mil, antropólogos, advogados...

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Aí cada um paga a sua parte

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Cada um pagou sua parte.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - É proporcional ao tamanho?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Exato.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É proporcional ao tamanho.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E ele fez um valor especial.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Dentro desses 10 anos, 13 anos que a gente se mexe, considerando viagem para Brasília, viagem para Porto Alegre, viagem para o interior de Estado, além de a gente ter feito essas associações, criou-se um comitê, com o apoio da FARSUL, que nos deu uma área física, inclusive nos







dando, às vezes, toda a logística que eles têm, dando até apoio financeiro para nos ajudar ali. E a gente viajava para o Estado também para dar apoio a esse pessoal envolvido com esta Comissão. Inclusive, nós fizemos parte desta Comissão. Então, é difícil mensurar agora o que se gastou, porque ao longo desse tempo, houve muitas despesas, desembolsos, assim, né? Viagens a Porto Alegre e volta para cá: outra hora tem que ir lá, volta para cá. E a gente nunca recebeu nada. Cada um faz uma vaquinha para fazer um churrasquinho, uma rifa.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Uma rifa de um bolo. É assim. Teve uma senhora — e eu achei, assim, um carinho muito grande, uma preocupação muito grande — que estava conosco ontem ali. Ela disse assim: “*Eu não posso ajudar muito. Vou fazer um bolo e vou fazer uma rifa*”. No dia da reunião da Associação, ela estava lá com o bolo vendendo a rifa. Um, dois, três reais para colaborar. Sacrifícios, né?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Para ajudar, né? Agora, eles dois lá recebem. Não sei agora, mas antes, eles receberam muito, porque viagem para a Bahia, para... Como é? Fugiu da mente agora para onde minha colega foi.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - A senhora sabe do motivo de alguma viagem para a Bahia?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - O motivo, acho que era ir em busca dessas coisas da Associação, nem sei explicar.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Houve comentário, eu não posso... A coisa a ser levantada, a situação, de comentário, aí se investiga se é fato que inclusive para o exterior foram fazer viagens para conhecer outras culturas.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - A minha amiga Miriam.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Miriam, né?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Foi para... Ai, meu Deus! O lugar é longe de lá. A Edith foi... Fugiu o nome.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Com quem ela foi, D. Marina?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Foi de avião.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Com quem?





**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Com o Wilson, com a turma do Wilson, o Vilsinho. Eles reviraram tudo que é lugar aí para fora.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - A senhora não está se lembrando o País para onde eles foram, não?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Pois é, tá me fugindo aqui.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E essa Sra. Edith é uma senhora humilde?

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Professora, professora aposentada.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não é de...

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Pessoa séria.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Não é de posses, assim.

**A SRA. MARINA MANOEL DOS SANTOS** - Alagoas, Bahia, Brasília, seguido, tudo de avião. E quem dava esse dinheiro para essa gente ir para esses lugares?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Mas teve um comentário que alguém foi para o exterior. Não lembro, faz algum tempo isso.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Pois é. E mais no início, né?

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - É. Quanto a valores que nós gastamos, a Associação Maquiné é uma associação de Osório de Aguapés. Outra eu não sei. Eu sei que foram muitos quilos de banana e muitos pés de alface lá, que nós tivemos que plantar e vender para custear, mas é todo um assessoramento dos antropólogos, de uma assessoria de mídia, de consultoria de *marketing* que nós tivemos que contratar, porque o que disseram no início? Buscamos um advogado que disse: "*Não, isso é causa perdida, vocês vão só negociar valores*". A gente disse: "*Não, ninguém quer sair daqui*". Aí, um ou outro ia conversando, e se chegou ao seguinte entendimento: "*Não, nós temos que ter mobilização social e política*". De que forma vamos fazer isso? Vamos trabalhar com alguém que nos dê suporte, que faça isso. Então, começamos lá.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Aí montamos aquele comitê e apelamos também para os Deputados, né?





**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Isso, fizemos várias visitas com o assessoramento desse pessoal. E lá a gente dizia: *“Ah, vamos plantar mais alface, mais banana, vamos vender, vamos deixar de investir, tem que comprar irrigação, tem que melhorar o bananal. Vamos deixar agora e vamos tentar defender a terra”*. De nada nos adianta uma boa produção se nós não tivermos mais a terra para produzir em cima dela. E para desbravar, e falei anteriormente, uma terra nova, por mais cultivada que seja, para chegar adequadamente aos padrões que a gente tem lá, com água próxima, porque hortaliça, se não houver irrigação, não produz. E, hoje, os melhores lugares já estão ocupados. Qualquer região do Estado, onde se produz hortaliça, está ocupada. E para fazer uma nova fronteira para toda essa comunidade, só Osório tem mais de 200 moradores, como é que vai retirar toda essa população? Onde vão colocá-los para morar, sem eira nem beira?

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Eu ainda estou tentando me situar exatamente no quadro lá de Morro Alto. O processo está judicializado ou está em nível administrativo ainda?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Administrativo.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - No INCRA?

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - É.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Isso. Até houve uma invasão no INCRA há um tempo, durante um período, porque o processo saiu daqui e foi para Brasília. Qual é o pé em que ele está, segundo as informações que nós temos? Fomos notificados, fizemos as nossas defesas, inclusive em uma dessas reuniões que foi citada, em que o Roberto Kiel esteve presente, de que forma seria a defesa, se material ou digital. Eles começaram a rir de nós: *“Não, tudo bem. Vamos lá. Bota num pen drive, num CD, 2 mil, 3 mil páginas”*. Aí foi feito o material. Aí, num outro período, por outra ocasião, eu estava no INCRA, no final da manhã, e passou uma pessoa que esteve lá na comunidade fazendo o levantamento. E parou ali, e eu parei para conversar: *“Como é que está a situação?”* Inclusive, o José Tagliapietra, também, com o qual a gente tinha contato seguido, conversava, ligava, era o contato para a gente obter alguma informação, às vezes, com dificuldade. Dizia ele assim: *“Basta botar as defesas uma em cima da outra que vai dar um prédio do tamanho do INCRA”*. Agora, eu que vou dar risada, porque, se digitar o material, você vai ver





tanto papel que foi usado para as defesas. Realmente, em torno de 2 mil, 3 mil páginas eram as defesas que nós apresentamos. Nesse dia, faz uns 2 anos e meio, a pessoa nos informou que eles estavam analisando os processos, não analisando, separando por ordem de defesa ou por classificação, eu não sei por meio de qual o método que eles estavam fazendo a separação dessas defesas, e, posterior a isso, estavam emitindo para Brasília, porque em Brasília que eles iriam analisar, não seria o INCRA aqui em Porto Alegre. Não sei por quê. Atendimento por solicitação nossa não foi, porque a gente sabia que eles estavam bem instrumentalizados para conduzir esse processo para definir de uma vez da forma que eles queriam. Mas foi para Brasília. E, até então, a gente sabe que está parado lá, não se sabe qual o andamento, se estão analisando. E não tivemos mais informação, mas, por enquanto, está na área administrativa. É o que nós soubemos.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Ontem, ainda conversamos com o nosso advogado?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - É. O Dr. Nestor aqui é nosso advogado, e ele disse o seguinte: *“Olhe, nós já entramos com a contestação, mas não temos resposta nenhuma. Estamos amarrados, não podemos agir de maneira nenhuma”*.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Os senhores têm referência em termos de protocolo, alguma coisa assim, que possa ser localizado esse processo no INCRA?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Eu posso falar com o advogado, pedir a ele e enviar depois para o senhor.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Podemos ver conosco também. Algumas ações as associações fazem juntas. Nesse caso da defesa, cada associação indicou defesas diferentes. Alguns do pessoal de Osório fizeram com o Nestor, outros fizeram com outras pessoas que a gente identificou.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Outros fizeram diretamente.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Então, na verdade, existem vários processos no INCRA, referentes à mesma causa, que foram ingressados por diferentes associações?





**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Sim.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Houve algumas pessoas que fizeram a defesa de punho, e lá não concordam.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Diretamente. O INCRA, às vezes, dizia assim: *“Vocês não precisam contestar”*. Para certas pessoas disseram isso.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Ah, tem esse agravante. Eles entregavam a intimação e diziam: *“Você tem 90 dias para...”*.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Estava escrito ali.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Mas quem entregava dizia: *“Não, vocês não precisam contestar isso aí. Isso aí é normal. Entra lá e já vem a...”*. Eles disseram isso para mim.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - A CPI provavelmente irá requisitar a cópia integral do processo. Mas, de qualquer forma, se o advogado dos senhores puder enviar à CPI as defesas, pelo menos as principais, as duas das associações, seria interessante.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - No nosso caso lá, a maioria é com um advogado. Há alguns que foram direto por causa dessa colocação do INCRA de que não precisava contestar.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Outros diziam, segundo relatos...

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não mudou o número do protocolo.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Se ele puder nos enviar a própria defesa que ele fez seria melhor, porque a CPI provavelmente irá requisitar todo o processo, mas isso demora alguns dias, para a gente já ir analisando as defesas e tudo.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - E aí a gente manda pra onde?

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Pode mandar para a secretaria da CPI. Nós vamos passar depois direitinho o *e-mail* da secretaria da CPI, e aí remetam para nós essas informações e outras de que, porventura, os senhores dispuserem. Encerrado aqui, a gente passa direitinho, anotado.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Certo.





**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Só uma última perguntinha antes de finalizar. Os senhores conhecem um cidadão chamado Merongue? Já ouviu falar.

**O SR. EDSON RICARDO DE SOUZA** - Não.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Não.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Então, era só isso. Há alguma coisa a mais para alguém colocar?

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Então, para concluir, para não ficar essa imagem lá de Morro Alto e de Aguapés, são Municípios que não só plantadores de verdura. Hoje, nós temos indústrias ali. No Morro Alto, há três indústrias, há comércio.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Perto da nossa residência.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Quer dizer, é uma comunidade já fechada, com escolas, clubes, entende? Não é só, assim, uma área campeira de produção agrícola, não. Não, é uma comunidade já com toda formação.

**O SR. COORDENADOR** (Lucas Azevedo de Carvalho) - Perfeitamente. Então, nós agradecemos a presença dos senhores e encerramos aqui a reunião.

Muito obrigado.

**O SR. HEITOR PETERSEN DA SILVA** - Muito obrigado.

**A SRA. MARIA SELMIRA GRIZZA MEHLECKE** - Obrigada. E continuamos à disposição em outra oportunidade.

